



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

GRACIELLE DOS SANTOS SANTANA

**SÍNDROME DE BURNOUT E A DOCÊNCIA NO ENSINO BÁSICO: UMA ANÁLISE
COMPARATIVA ENTRE DOCENTES DE ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS**

São Luís

2021

GRACIELLE DOS SANTOS SANTANA

**SÍNDROME DE BURNOUT E A DOCÊNCIA NO ENSINO BÁSICO: UMA ANÁLISE
COMPARATIVA ENTRE DOCENTES DE ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós – Graduação em Psicologia (Mestrado) da Universidade Federal do Maranhão como requisito para a obtenção do título de mestra em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Yldry Souza Ramos Queiroz Pessoa

São Luís

2021

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

SANTOS SANTANA, GRACIELLE.

SÍNDROME DE BURNOUT E A DOCÊNCIA NO ENSINO BÁSICO : UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE DOCENTES DE ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS / GRACIELLE SANTOS SANTANA. - 2021.

82 f.

Orientador(a): Yldry Souza Ramos Queiroz Pessoa.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Psicologia/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2021.

1. Burnout. 2. Docentes. 3. Ensino básico. I. Souza Ramos Queiroz Pessoa, Yldry. II. Título.

GRACIELLE DOS SANTOS SANTANA

**SÍNDROME DE BURNOUT E A DOCÊNCIA NO ENSINO BÁSICO: UMA ANÁLISE
COMPARATIVA ENTRE DOCENTES DE ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós – Graduação
em Psicologia (Mestrado) da Universidade Federal do
Maranhão como requisito para a obtenção do título de
mestra em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Yldry Souza Ramos Queiroz
Pessoa

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Dr^ª. Yldry Souza Ramos Queiroz Pessoa
(Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Prof^ª Dr. José Romulo Travassos da Silva
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Prof. Dr^ª. Selene Cordeiro Vasconcelos
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Prof. Dr^ª. Rosane de Sousa Miranda
Universidade Federal do Maranhão
(Suplente)

AGRADECIMENTOS

À toda a minha família e em especial a meus amados pais, Aldomerio e Elaine que sempre fizeram o possível para que eu alcançasse meus objetivos. E mesmo em meio a tantos desafios me incentivam e me apoiam em todos os momentos da minha vida.

À minha irmã Grace Kelly, que me motiva e sempre acredita em mim e por todo amor que partilhamos.

À minha sobrinha Letícia, que me ajuda a tornar a vida mais suave com suas dúvidas e questionamentos e por ser aquela para quem eu quero ser um exemplo.

Aos meus amigos que sempre me apoiaram a ir em busca dos meus objetivos e nunca me deixaram desistir.

Aos queridos Hermes, Raíssa, Aline, Rosa, Renata, Wallysson, Rayanne, e Athos pela amizade e companheirismo de sempre.

À minha orientadora Yldry Pessoa, que aceitou estar comigo nesta etapa, tornou este desafio menos árduo, contribuiu de forma muito significativa e especial para minha evolução enquanto pesquisadora e docente, além de ter me ensinado para além de aspectos teóricos, com sua doçura e competência.

À Rosani, que me ajudou muito com a estatística descritiva desta pesquisa.

Aos meus colegas de turma do mestrado que compartilharam esse desafio comigo, em especial Larissa, Maiara, Brenda, Ana Clara e Jadson, pelo incentivo, escuta e parceria.

Às minhas amigas do trabalho, Lidiane, Emília e Carol, que compartilham as dores e delícias da docência e contribuem para a minha evolução como profissional e pessoa.

A Gabriel Rodrigues que me deu suporte durante o período desta escrita.

À FAPEMA, que contribuiu para que eu realizasse esta pesquisa.

À UFMA que me permitiu realizar este trabalho.

E por fim, mas não menos importante, a todos os docentes que aceitaram participar desta pesquisa.

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

(Paulo Freire)

RESUMO

A Síndrome de Burnout é uma síndrome profissional representada pelo esgotamento físico e emocional do indivíduo e acomete trabalhadores que atuam em contato direto com o público. Esta síndrome possui três dimensões caracterizadas como Exaustão emocional, que ocasiona a sensação de esgotamento emocional no indivíduo; Despersonalização, manifestada por comportamentos de indiferença com o público que atende e baixa Realização Profissional, evidenciada pela perda do interesse na atividade que desempenha e falta de perspectiva profissional. No contexto atual, a categoria docente do ensino básico é vista como uma das mais acometidas pela Síndrome de Burnout, nesse sentido torna-se relevante compreender quais podem ser as repercussões para a saúde e trabalho destes profissionais. Assim, esta pesquisa teve como objetivo geral compreender as condições e organização do trabalho que contribuem para manifestação de sintomas e desenvolvimento da Síndrome de Burnout em docentes do ensino básico de escolas públicas e privadas de São Luís/MA. Para tanto, buscou-se entender a Síndrome de Burnout e sua percepção entre os docentes no contexto laboral; analisar o processo de trabalho e sua repercussão na saúde dos docentes; identificar estratégias de enfrentamento utilizadas pelos docentes para os sintomas da Síndrome de Burnout e descrever as vivências profissionais relacionadas à manifestação da Síndrome de Burnout nos docentes. Utilizou-se o referencial da Psicologia do Trabalho, bem como estudos que discutissem a respeito da Síndrome de Burnout e como se dá sua manifestação nos diferentes profissionais. Os dados foram coletados por meio de pesquisa exploratória de natureza básica, com aplicação do Inventário de Burnout Maslach em 41 participantes, docentes de escolas públicas e privadas e foi realizada uma entrevista semiestruturada com 4 participantes que indicaram estar acometidos pela Síndrome de Burnout, por meio do inventário. Os dados obtidos no inventário foram analisados pelo software SPSS e a entrevista a partir da análise de conteúdo de Bardin. Os resultados do inventário apontaram que os docentes de escola pública apresentam maior escore em Exaustão Emocional e menor em baixa Realização Profissional e os docentes de escola privada apresentam maior Despersonalização, que são as dimensões indicativas da Síndrome de Burnout. Por meio da entrevista foi observado que os problemas estruturais contribuem para a intensificação das vivências de sofrimento dos docentes de escola pública, enquanto as pressões e alta carga horária impactam de forma mais significativa os professores de escola privada. Ambos os segmentos utilizam estratégias para lidar com os sintomas da síndrome, sendo estas o afastamento das atividades relacionadas ao trabalho, focando em tarefas

autocentradas e descanso. Nesse sentido, evidenciou-se que ambos os contextos trazem repercussões à saúde do docente e que a Síndrome de Burnout precisa ser cada vez mais esclarecida para os professores, a fim de que possam lançar mão de recursos para prevenir e lidar com o adoecimento.

Palavras-chave: Burnout. Docentes. Ensino Básico.

ABSTRACT

Burnout Syndrome is a professional syndrome represented by the individual's physical and emotional exhaustion and affects workers who work in direct contact with the public. This Syndrome has three dimensions characterized as Emotional Exhaustion, which causes the individual to feel extremely tired; Depersonalization, manifested by behaviors of indifference to the public it serves and low Professional Fulfillment, evidenced by the loss of interest in the activity they perform and lack of professional perspective. In the current context, the teaching category of basic education is seen as one of the most affected by Burnout Syndrome, in this sense it is relevant to understand what the repercussions may be for the health and work of these professionals. Thus, this research had as general objective to understand the conditions and organization of work that contribute to the manifestation of symptoms and development of Burnout Syndrome in teachers of basic education in public and private schools in São Luís/MA. Therefore, we sought to understand the Burnout Syndrome and its perception among teachers in the labor context; analyze the work process and its impact on the health of teachers; identify coping strategies used by teachers for the symptoms of Burnout Syndrome and describe the professional experiences related to the manifestation of Burnout Syndrome in teachers. We used the Work Psychology framework, as well as studies that discussed the Burnout Syndrome and how it manifests in different professionals. Data were collected through exploratory research of a basic nature, applying the Maslach Burnout Inventory to 41 participants, teachers from public and private schools, and a structured interview was conducted with 4 participants who indicated that they were affected by Burnout Syndrome, through of the inventory. The data obtained from the inventory were analyzed using the SPSS software and the interview was based on Bardin's content analysis. The results of the inventory showed that public school teachers have a higher score in Emotional Exhaustion and a lower score in low Professional Achievement, and private school teachers have greater Depersonalization, which are indicative dimensions of Burnout Syndrome. Through the interview, it was observed that the structural problems contribute to the intensification of the suffering experiences of public school teachers, while the pressures and high hours have a more significant impact on private school teachers. Both segments use strategies to deal with the syndrome symptoms, these being the removal of work-related activities, focusing on self-centered tasks and rest. In this sense, it was evident that both contexts bring repercussions to the health of teachers and that the Burnout Syndrome needs to be increasingly clarified for teachers, so that they can make use of resources to prevent and deal with illness.

Keywords: Burnout. Teacher. Basic education.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Renda x Tempo de atuação	53
Gráfico 2 - Renda x Segmento	53
Gráfico 3 - Renda x Exaustão Emocional	54
Gráfico 4 - Idade x Exaustão Emocional	55
Gráfico 5 - Segmento x Exaustão emocional	55
Gráfico 6 -Segmento x Despersonalização	56
Gráfico 7 - Segmento x Baixa Realização profissional	57

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EB	Ensino Básico
EE	Exaustão Emocional
DE	Despersonalização
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
MBI	Inventário de Burnout Maslach
RP	Realização Profissional
SB	Síndrome de Burnout

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ENSINO BÁSICO NO BRASIL	16
3 ADOECIMENTO RELACIONADO AO TRABALHO.....	20
3.1 TRANSTORNOS MENTAIS E DE COMPORTAMENTO RELACIONADOS AO TRABALHO....	20
3.1.1 Caracterização dos Transtornos Mentais e Comportamentais Referentes ao Trabalho	27
3.2 ESTRESSE E ESTRESSE LABORAL/OCUPACIONAL	32
4 SÍNDROME DE BURNOUT.....	35
4.1 A Síndrome de Burnout na docência do ensino básico	39
5 MÉTODO	47
5.1 TIPO DE PESQUISA	47
5.2 LOCAL DE PESQUISA.....	47
5.3 POPULAÇÃO/AMOSTRA	48
5.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO	49
5.5 PROCEDIMENTO PARA COLETA E ANÁLISE DE DADOS	50
5.5.1 PROCEDIMENTO PARA COLETA DE DADOS.....	50
5.5.2 PROCEDIMENTO PARA ANÁLISE DE DADOS	51
5.6 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS	53
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	54
6.1 RESULTADOS DO INVENTÁRIO	54
6.2 RESULTADOS DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	59
6.2.1 Condições e Organização do Trabalho	60
6.2.2 Impactos da Síndrome de Burnout sobre o trabalho dos docentes	64
6.2.3 Estratégias de defesa para os sintomas da Síndrome de Burnout	66
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS.....	71
APÊNDICES	78

1 INTRODUÇÃO

O trabalho tem importância central para a vida em sociedade e como se sabe, a atividade laboral se constitui na maior parte do dia de muitos trabalhadores, podendo estar mais presente do que a própria família. São associados ao trabalho modos de vestimenta, vocabulário, dentre outros aspectos que o colocam como ponto principal do dia a dia de diversas pessoas. Os trabalhadores são identificados pelas atividades que desempenham, pois para cada ambiente de trabalho é exigida uma forma de se vestir que evidencia determinada função, utilizam jargões e termos técnicos que são características marcantes de muitas profissões, além de se reconhecerem socialmente pela atividade que exercem (DEJOURS; DESSORS; DESRLAUX, 1993).

O trabalho também pode se configurar como um elemento de insatisfação, dado que nem sempre as expectativas do trabalhador são alcançadas, bem como suas metas pessoais e organizacionais. Por vezes, pode ser exigido deste profissional mais do que lhe é concedido no ambiente de trabalho, gerando uma situação de desgaste e frustração. A relação com o trabalho pode ser causa de adoecimento e sofrimento, na qual o trabalhador pode desenvolver diversos problemas físicos e mentais a depender da função que desempenha.

Com o propósito de compreender o universo do trabalho humano e suas repercussões sobre o trabalhador, sua saúde, seu bem-estar, a Psicologia do Trabalho vê como de fundamental importância visitar os aspectos de saúde e adoecimento do trabalhador (SAMPAIO, 1999; TOMANIK, 2013; ZANELLI; BASTOS; RODRIGUES, 2014).

Nesta seara de adoecimentos, cita-se a Síndrome de Burnout (SB), que se caracteriza “como uma progressiva perda do idealismo e da energia e o propósito de ajudar os usuários dos serviços” (GUIMARÃES; CARDOSO, 2004 p. 50). Para Guimarães e Cardoso (2004), embora a SB possa acometer diferentes categorias profissionais, estas estão associadas a atividades que prestam serviços ou ajuda diretamente aos usuários.

A presença da SB no âmbito escolar é uma realidade multifacetada, consequência da relação entre aspectos pessoais e laborais. “Este ambiente não pode ser relacionado somente à dinâmica de sala de aula ou ao contexto institucional, mas sim, incluindo fatores macrossociais, como políticas educacionais, fatores sociais, econômicos, imbuídos nessa profissão (CARLOTTO, 2003, p. 8).

Considerando a esfera educacional, o professor(a) é uma categoria que mantém contato próximo com o público que atende, no caso os discentes, e por isso pode se tornar alvo para o desenvolvimento da SB. Destaca-se, também, que vivenciam além do contato com os alunos outros impactos decorrentes da própria profissão, como a presença constante de sobrecarga física e emocional, sobretudo para os docentes do ensino básico que se dividem em diferentes turnos (DIAS; SILVA, 2020).

Segundo Carlotto (2002), a SB em professores não ocorre apenas em consequência da relação professor-sala de aula, pois questões como políticas educacionais e concepções históricas e sociais também podem ser agravantes neste cenário. Esta proposição pode ser corroborada por Maslach e Jackson (1981) quando sinalizam que uma característica da SB é o desenvolvimento de atitudes e sentimentos negativos sobre os clientes/alunos, o que pode gerar uma ação desumanizada não havendo o envolvimento com o problema que é apresentado. Assim, pode-se depreender que haverá impactos na relação professor-aluno, bem como no empenho desse profissional e desempenho do estudante.

De acordo Silva; Bolsoni-Silva e Loureiro (2018) diferentes estudos têm sido realizados com a finalidade de identificar a prevalência da SB em docentes, evidenciando elevados índices de estresse, Exaustão Emocional, Despersonalização e baixa Realização Profissional. Tais achados estão relacionados a diferentes variáveis do contexto laboral, como condições e jornada de trabalho e relacionamento interpessoal.

Com a finalidade de obter a compreensão sobre os aspectos supracitados na categoria dos docentes de ensino básico o objetivo geral desta pesquisa foi analisar as condições e organização de trabalho que contribuem para manifestação de sintomas e desenvolvimento da Síndrome de Burnout em docentes do ensino básico de escolas públicas e privadas da cidade de São Luís/MA. Acerca dos objetivos específicos buscou-se (1) compreender a Síndrome de Burnout e sua percepção entre os docentes no contexto laboral, (2) analisar o processo de trabalho e sua repercussão na saúde dos docentes, (3) identificar estratégias de enfrentamento utilizadas pelos docentes para os sintomas da Síndrome de Burnout e (4) descrever as vivências profissionais relacionadas à manifestação da Síndrome de Burnout nos docentes.

Nesse sentido, lançou-se como perguntas norteadoras: De que forma as condições e organização de trabalho podem contribuir para o desenvolvimento da Síndrome de Burnout

em docentes de escolas públicas e privadas? Quais as semelhanças e diferenças entre os segmentos público e privado que colaboram para a manifestação dos sinais e sintomas da SB?

Além deste Capítulo Introdutório (Capítulo 1), em termos estruturais, este texto está organizado em mais em 7 Capítulos. O capítulo 2 discorre acerca da contextualização do ensino básico no Brasil, identificando como se deu seu estabelecimento e quais as perspectivas atuais e futuras deste segmento.

O capítulo 3 discute acerca do adoecimento relacionado ao trabalho, identificando as variáveis laborais que contribuem para o adoecimento do trabalhador, compreendendo a Síndrome de Burnout como uma das consequências de um ambiente laboral prejudicial. O capítulo 4 debate sobre a Síndrome de Burnout, fazendo sua caracterização e analisando de que forma essa síndrome afeta os docentes do ensino básico.

O capítulo 5 apresenta o percurso metodológico, ou seja, os caminhos traçados para a realização da pesquisa de campo, indicando o tipo de pesquisa, população e amostra, caracterização dos participantes, instrumentos de coleta de dados, procedimentos de coleta e tipo de análise de dados.

Por sua vez, o capítulo 6 apresenta os resultados e discussões da pesquisa empírica realizada entre março e agosto de 2021, indicando os resultados do inventário que abordam os aspectos quantitativos e os elementos categorizados por meio da entrevista, que foram Condições e organização do trabalho; Impactos da Síndrome de Burnout sobre o trabalho dos docentes e estratégias de defesa para os sintomas da Síndrome de Burnout. Em conclusão, nas Considerações Finais (capítulo 7) sintetizou-se os achados, indicando contribuições e limites deste estudo, bem como proposições de futuras pesquisas, considerando a Síndrome aqui estudada.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ENSINO BÁSICO NO BRASIL

O Ensino Básico (EB) no Brasil data de épocas bastante longínquas, que pode ter sua origem desde a chegada dos portugueses no país. Porém o formato do ensino básico desde sua implementação não é igual ao que pode-se observar na atualidade, sobretudo devido a irrelevância que se dava para a educação, visto que neste contexto histórico havia a presença de uma sociedade escravocata e latifundiária que não tinha como objetivo a formação de pessoas cultas, mas sim a prevalência de um público iletrado e subserviente (RIBEIRO, 1993). Durante o período colonial o propósito educacional era o de catequisar as crianças indígenas, por meio da educação elementar, atividade implementada pelos padres jesuítas, e que mais tarde se estendeu aos filhos dos colonos. A grande massa estava excluída do processo educacional, aspecto que permaneceu quase inerte até o período republicano (RIBEIRO, 1993).

De acordo com Veiga (2008), na Constituição de 1824 observou-se a necessidade de proporcionar educação para o povo, com o ensino da leitura e escrita e do aprendizado de cálculos, com o intuito de obter uma sociedade melhor, instruída e coesa. A partir de 1834 ficou sob responsabilidade das províncias a realização do processo educacional de ensino, contudo, tal ação evidenciou ainda mais as desigualdades presentes no sistema de educação da época, visto que a responsabilização exclusiva da província de promover os ensinos primário e médio e a falta de arrecadação tributária suficiente para tal, gerou o abandono destes níveis escolares possibilitando a abertura para o ensino particular e fortalecimento do elitismo e seletividade na educação (RIBEIRO, 1993).

Muitas reformas se seguiram no momento pós republicano, sinalizando para diferentes perspectivas. Por um lado o positivismo, que visava uma postura pragmática e científica - influenciador da Reforma Rivadávia - rivalizando com uma ideologia liberal que objetivava o fortalecimento das conquistas individuais, com igualdade de direitos e eliminação de privilégios e instauração da educação universal, inspirador das reformas de Epitácio Pessoa, Carlos Maximiliano e Luiz Alves. Contudo, tais reformas não foram efetivas para a eliminação das problemáticas vividas no contexto educacional, visto que apesar da instauração da República o âmbito socioeconômico e cultural permaneceu o mesmo (RIBEIRO, 1993). Isto pode ser corroborado por Veiga (2008, p. 503) quando sinaliza que “o recenseamento de 1872 indicou que 84% da população brasileira era de analfabetos; portanto, é possível especular que também muitos brancos, inclusive abastados, não sabiam ler”. Estes aspectos são capazes de ilustrar que as problemáticas educacionais vividas na atualidade podem ter como ponto de

partida um âmbito bem anterior, que por sua vez ainda não encontrou resolução.

A população mais abastada embora também fizesse parte do grande contingente de analfabetos, possuía outros meios para possibilitar a educação dos seus, considerando que estes fariam parte dos responsáveis pela administração do país. Assim, a ampliação da escolarização acontecia no ensino privado, que era incentivada pelas elites governantes, enquanto no ensino público houve um aumento dos trabalhadores, mas redução das escolas e matrículas, justamente porque a economia não necessitava de nível médio não era interesse do governo investir na educação pública. Tal valorização do ensino privado em detrimento do público perdurou durante muito tempo.

Observa-se que na década de 1950 houve o conflito do ensino público x privado, no qual os liberais eram a favor do ensino público enquanto os donos de escolas particulares e católicos defendiam o a escola privada por entenderem que havia uma redução do ser humano no ensino público, o limitando ao desenvolvimento de suas capacidades cognitivas, e identificavam os defensores do ensino público como comunistas, que seriam avessos a Deus, à igreja e à família (RIBEIRO, 1993).

Um importante marco para o ensino básico no Brasil, tanto o privado quando o público, foi o estabelecimento da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) que propunha em seu texto no Art. 3º, incisos V, VI, VII e VIII da Lei nº 4.024 de 1961 a presença concomitante de instituições de ensino públicas e privadas, mantendo gratuita e democrática a gestão do ensino público em instituições oficiais. Como princípios e fins da educação nacional, deve-se ainda haver o reconhecimento do trabalhador que atue no contexto escolar (BRASIL, 2020). As ideias contidas na LDB visava atender aos pressupostos exigidos simultaneamente por católicos e liberais, porém a sua execução não alcançou as expectativas esperadas no que se relaciona à democratização da educação e fortalecimento do ensino público, pois a grande massa e as pessoas da Zona Rural, não tiveram acesso à escolarização facilitada (AKKARI, 2001), que pode ser confirmado pela fala de Teixeira (2015, p.58)

Se pensarmos na defesa de uma educação eminentemente pública, sustentada a partir de financiamento estatal e com garantias de ampla liberdade de ação pedagógica, o resultado deixou a desejar e evidenciou, entre outras coisas, a continuidade do poder das instituições religiosas, igreja católica à frente, na defesa da existência da educação privada e da subvenção da mesma pelos cofres públicos.

Assim, cabe refletir o quanto as disparidades entre o ensino público e privado foram repercutindo sobre o processo de escolarização dos estudantes e, além disso, sobre o processo

de trabalho dos docentes, pois se não houve o devido financiamento estatal que garantisse uma atuação pedagógica de qualidade, consequentemente a prerrogativa presente na LDB de que deveria haver a valorização de profissionais da educação não fora cumprida. Outrossim, o ensino público agrega maior contingente de estudantes ao se comparar com o ensino privado e é sempre avaliado negativamente ao se fazer a mesma comparação, porém deixa-se de considerar toda a estrutura de desigualdade na qual se estabeleceram as escolas públicas. Desta forma, pode-se concluir que o processo educacional no Brasil tem favorecido apenas uma parcela da sociedade, quando possibilita que tenha mais acesso do que a maioria da população (RIBEIRO, 1993).

Um elemento que precisa ser discutido ainda é o processo de feminização da atividade docente. As mulheres passaram a ocupar os espaços públicos, em detrimento de estar presente apenas nos privados como de costume e se inseriram no ambiente escolar, no qual a sociedade rapidamente associou a prática de ensinar ao ambiente familiar e de caráter improdutivo, haja vista a noção difundida acerca da responsabilidade e “papel” da mulher de ensinar e orientar as pessoas para uma vida reta (TEIXEIRA, 2015; TAMBARA, 1998), o que foi transferido para a identificação no ambiente escolar. Desta forma, pode-se dizer que às mulheres não é conferida a mesma valorização e recompensa que os homens, que por vezes exercem as mesmas atividades, com o mesmo grau de responsabilidade (TAMBARA, 1998).

Porém, apesar de todo o desprestígio, a permanência das mulheres na profissão de docente do ensino básico ainda é bem marcada, principalmente nas séries iniciais, conforme sinalizam Antunes e Acorssi (2019, p.50) a partir dos dados do Censo Escolar da Educação Básica de 2017, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)

Na Educação Infantil, por exemplo, 96,6% dos profissionais são mulheres, enquanto 3,4% são homens. No Ensino Fundamental, nos Anos Iniciais (1º ao 5º ano) temos 9 mulheres em cada 10 profissionais e nos Anos Finais (6º ao 9º ano) esse número cai para 7 em cada 10. Já no Ensino Médio é onde a diferença no número de homens e mulheres é menor. Aqui nota-se um aumento na participação dos homens. Nessa faixa de escolaridade as mulheres são 59,6% dos profissionais, enquanto a participação dos homens sobe para 40,4%.

Tal inserção das mulheres nesta atividade não parece ser mera coincidência, haja vista a noção ideológica de que as atribuições profissionais são ligadas aos gêneros, nas quais aos homens estão conferidas as atividades pesadas, insalubres e perigosas, enquanto que às mulheres são direcionados os trabalhos que envolvem cuidado, paciência ou o que pode ser

avaliado com uma atuação mais organizada (ANTUNES; ACORSSI, 2019).

Todos esses aspectos da formação, desenvolvimento e manutenção do ensino básico no Brasil, juntamente com suas categorias de análise voltada para o gênero, classe e raça, são capazes de clarificar a necessidade de mudanças e melhorias desse âmbito a fim de impactar positivamente os profissionais desta categoria, pois este contexto devido todas as suas deficiências e nuances, pode tornar-se um terreno fértil para o o adoecimento do trabalhador em diverssas esferas. Considerando desde o adoecimento físico, devido a precariedade dos espaços, sobretudo públicos pela falta de investimento que vem desde o período Imperial, até o adoecimento psicológico que pode permear diferentes âmbitos, inclusive as instituições privadas, com as cobranças exigidas da clientela que usufrui de tal serviço.

3 ADOECIMENTO RELACIONADO AO TRABALHO

Com o objetivo de contextualizar a Síndrome de Burnout (SB) e suas repercussões na saúde do trabalhador, far-se-á uma análise dos transtornos mentais e de comportamento relacionados ao trabalho, considerando a inserção da Síndrome de Burnout no rol das doenças voltadas ao trabalho a partir do material “Doenças relacionadas ao trabalho: Manual de procedimentos para os serviços de saúde”, publicado em 2001, tendo em vista ainda que a SB gera impactos específicos à saúde do trabalhador podendo gerar outras comorbidades. Ademais, será realizada uma análise da diferença entre Estresse e Estresse Laboral, compreendendo que podem se caracterizar como uma etapa presente no desenvolvimento da SB.

3.1 Transtornos Mentais e de Comportamento Relacionados ao Trabalho

De acordo com Antunes (2020), a partir dos anos 1990 com o processo de reestruturação produtiva decorrente da mudança na divisão internacional do trabalho, se estabelece uma forma específica de exploração do trabalhador, que une aspectos de controle característicos do Taylorismo e Fordismo ao mecanismo de acumulação flexível do Toyotismo trazendo efeitos inevitáveis como a flexibilização e precarização nas condições de trabalho, bem como a informalidade. Os impactos disso reverberam em subempregos, excessivas pressões no dia a dia que impõem aos trabalhadores à necessidade de se submeter a condições de trabalho insalubres para se manterem no mercado, flexibilidade e acúmulo de funções e alta competitividade gerando a sensação de isolamento e solidão (ANTUNES; PRAUN, 2020; VENCO; BARRETO, 2010; ANTUNES, 2005).

Em decorrência de todas essas transformações que continuam ocorrendo até os dias de hoje, o trabalhador tem adequado sua subjetividade, modo de vida e até mesmo sua saúde com o propósito de se adaptar ao que lhe é exigido a partir das vivências do mundo laboral. Esse cenário remete exigências que nem sempre se dá de modo satisfatório, pois considerando as condições e organização de trabalho, além de todos os impactos da globalização as consequências acabam sendo danosas ao bem-estar do indivíduo e mais especificamente à sua saúde mental, sendo causadoras ou contribuindo para o desenvolvimento de transtornos mentais e comportamentais (RABELO; SILVA, 2018).

Um fator recorrente e observado na atualidade é a necessidade de o trabalhador estar totalmente disponível para a organização, a fim de manter o seu trabalho. Assim são

utilizados diferentes meios de flexibilização do trabalho, como o uso de ferramentas e aplicativos por meio dos smartphones. Percebe-se uma redução na jornada formal de trabalho, porém outros mecanismos são acionados, de modo que o empregado esteja sempre à disposição para solucionar problemas ainda que fora do seu horário de labuta, o que configura um controle não apenas do trabalho, mas sobretudo do tempo do trabalhador (ANTUNES; PRAUN, 2020). Tal postura é fortalecida tanto pelos recursos tecnológicos de comunicação fornecidos ao trabalhador quanto pelas estratégias de participação nos lucros e resultados (PLR) que os impelem a se dedicar por mais horas de trabalho a fim de alcançar os bônus esperados (FERNANDES *et al.*, 2018; SOUZA; BERNARDO, 2019).

Segundo Cardoso (2015) e Souza e Bernardo (2019) os discursos utilizados pelas gerências tornam-se sedutores por focarem na subjetividade do trabalhador sinalizando para uma consideração deste empregado como alguém exclusivo e importante para a tarefa desempenhada. Em contrapartida, a organização foca na manutenção de práticas exigentes, o que contribui na possibilidade de desencadear na saúde do trabalhador sintomas ansiosos e depressivos que passam a ser desconsiderados, tanto pela empresa quanto pelo trabalhador, a fim de evitar quaisquer prejuízos ao emprego e a produtividade. Reflete-se que há culturalmente a noção de que estar no trabalho diz respeito a uma conquista, portanto com significado positivo, ao passo que o adoecimento é visto como sinal de fragilidade do sujeito que adocece.

Essa situação ocorre porque as atividades passaram a ser minuciosamente calculadas a fim de que nenhum tempo de trabalho permaneça ocioso e permita espaço para a criatividade do trabalhador tampouco para a aplicação de seus conhecimentos conforme sua análise da situação. Cotidianamente precisa lidar com demandas oriundas do seu local de trabalho que por vezes extrapola sua tarefa, exigindo o aprendizado de novos conhecimentos e habilidades para poderem atender as exigências importas pela organização. Isto reflete no investimento do tempo livre em cursos e formações a fim de lidar com as imposições feitas no âmbito laboral (ANTUNES; PRAUN, 2020; CARDOSO, 2015) e não ser excluídos do mundo do trabalho.

Uma característica presente na influência dos adoecimentos relacionados ao trabalho diz respeito à precarização, que é inerente à produção capitalista conforme pontuam Antunes e Praun (2020, p. 146)

A precarização é por um lado um fenômeno intrínseco à sociabilidade construída sob o signo do capital; por outro, uma forma particular assumida pelo processo de

exploração do trabalho sob o capitalismo em sua etapa de crise estrutural, podendo, portanto, ser mais ou menos intensa, uma vez que não é uma forma estática.

A partir deste fenômeno pode-se depreender que o contexto mercadológico coloca o trabalhador sob uma condição que em alguma medida submete a condições de exploração para se manter no trabalho. Apresenta diferentes configurações a partir de flexibilizações nos contratos de trabalho, precarização de condições da saúde dos trabalhadores, além de esfacelamento das relações e organizações coletivas (CARDOSO, 2015).

Deve-se ressaltar também que por mais que as contradições da precarização estejam presentes em diferentes países, ao se falar sobre o Brasil é necessário considerar que se trata de um país subdesenvolvido e em recessão, fatores muito utilizados para a justificativa de privatizações, bem como incentivo à terceirização de mão de obra e redução de gastos com serviços públicos, como o SUS, por exemplo. Aspectos que contribuem ainda mais para o sofrimento e adoecimento dos trabalhadores por não terem a possibilidade de exercer atividades das quais foram preparados e ainda não podem contar com o suporte do Estado para demandas de saúde, educação e segurança (FERNANDES *et al.*, 2018; SOUZA; BERNARDO, 2019).

A manutenção de relações saudáveis está associada à satisfação pessoal e à qualidade de vida e contribui para gerar um bom ambiente de trabalho. Porém, com a mudança nas estratégias de gestão e processos de individualização isto facilita o desenvolvimento dos adoecimentos relacionados ao trabalho. Pois com o aumento da competitividade os trabalhadores passam a rivalizar entre si, tornando-se controladores de si e de seus pares, a fim de preservarem seu trabalho e com isso dificultando a construção de laços sociais e fortalecimento de grupos que possam contribuir para a elaboração de estratégias de defesa diante das exigências experimentadas no trabalho (ANTUNES; PRAUN, 2020; JOST, FERNANDES, SOBOLL, 2014). Isso pode ser corroborado pela pesquisa de Fernandes *et al.* (2018) onde sinalizam que a falta de apoio social foi apontada como um elemento que contribui negativamente para o ambiente de trabalho, propiciando o aumento da percepção de estresse e o olhar do trabalho como um espaço negativo e sobrecarregado emocionalmente. Assim, é deveras importante facilitar que o âmbito laboral possa ser visto como um local de apoio, ainda que aspectos mais amplos como a precarização estejam presentes e dificilmente possa ser dirimida, mas que os trabalhadores possam construir pontes para garantir sua saúde emocional.

Mas como analisar o adoecimento dos trabalhadores neste cenário caótico de exploração e de captura de subjetividade? O adoecimento psicológico no trabalho pode ser

avaliado a partir de diferentes vieses e conseqüentemente por meio de distintas visões. De acordo com Jacques (2003) existem quatro principais abordagens que fazem interface com a Psicologia, que são as teorias sobre estresse, a Psicodinâmica do Trabalho, os modelos epidemiológicos e/ou diagnósticos e os estudos relacionados a subjetividade e trabalho. Ao se analisar o adoecimento por meio das perspectivas sociais realizando uma correlação entre as condições de trabalho e a função desempenhada, observa-se a perspectiva dos estudos epidemiológicos os quais versam sobre as atividades de trabalho e as possíveis causas do adoecimento. Nesta abordagem, nota-se que a profissão docente é bastante pesquisada em nosso país, sendo os transtornos mentais e de comportamento a principal razão para o afastamento no trabalho e a Síndrome de Burnout caracterizada como um dos problemas referentes à educação (FERNANDES *et al.*, 2018; GOUVÊIA, 2016). Isso leva à reflexão de qual o espaço está sendo destinado àqueles que contribuem com os processos educativos e são tão exigidos pela formação de crianças, jovens e profissionais?

O trabalho docente reúne características dos novos modelos de gestão, como flexibilidade, extensão da jornada de trabalho, impactos da precarização, ambiente cercado de condições estressoras, gerando comprometimento à saúde física e emocional deste trabalhador. Há que se considerar que o contexto brasileiro coloca o trabalho docente nas exigências de formação de mão de obra qualificada e conseqüentemente trata a educação como mercadoria. Isso não ocorre sem efeitos para o docente, que precisa lidar com processos tecnológicos sem o devido tempo para apreensão, bem como a intensificação do seu trabalho com vistas a atender às imposições sociais e do mercado gerando a minimização da autonomia para exercer sua função e liberdade para a elaboração e desenvolvimento de seu trabalho enquanto professor (PENTEADO; SOUZA NETO, 2019).

Existem outros fatores que acabam colaborando para a naturalização do adoecimento na categoria docente, tais como as políticas de gratificação adotadas pelas gestões educacionais, que favorecem os profissionais que se mantêm no trabalho, ou seja, devido a estas ações, mesmo adoecidos é possível que os docentes permaneçam em suas funções sem solicitar afastamentos para não sofrerem prejuízos. Além disso, a normalização da automedicação e presenteísmo também ajudam na percepção de que é natural o adoecimento do docente e de que ele não precisa de cuidados específicos (GOUVÊIA, 2016; PENTEADO; SOUZA NETO, 2019). Torna-se imprescindível analisar como as concepções de realização da tarefa e do

contexto de trabalho influenciam e servem para normalizar o desenvolvimento de transtornos mentais ou comportamentais ou até mesmo culpabilizar o sujeito que adocece.

A importância dada ao debate no que se refere aos transtornos mentais e comportamentais e sua relação com o trabalho tem sido construída historicamente. Nesse sentido, a noção de doença mental no trabalho esteve associada a uma concepção higienista, onde quaisquer aspectos que viessem a interferir no rendimento do trabalhador, tais como fadiga, alcoolismo, ou monotonia deveria ser prevenido ou adaptado, direcionando o foco para a produtividade. Outrossim, qualquer tipo de transtorno mental ou físico era atribuído unicamente a uma predisposição do empregado em detrimento da análise de condições de trabalho (ALVES, 2015).

Já é possível observar mudanças ocorridas nessa forma de análise dos transtornos mentais e comportamentais, porém ainda é bastante recorrente a responsabilização do empregado pelo seu adoecimento. Esta compreensão pode ser ratificada por Paparelli, Sato e Oliveira (2011) ao colocarem que existe uma percepção de culpabilização da vítima quando se fala em ato inseguro, pois se passa a considerar a ação do indivíduo como causadora de acidentes de trabalho naturalizando, portanto, a organização e condições de trabalho e direcionando unicamente ao sujeito a causa dos acidentes.

Um salto importante para o entendimento do trabalho como um elemento ligado aos transtornos mentais e de comportamento no Brasil foi a portaria nº 1339 assinada em 1999 (BRASIL, 1999), que categorizou uma lista de transtornos mentais e de comportamento, presentes na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID- 10), e sua vinculação com o ambiente laboral. Percebe-se, por meio do decreto, que além de características específicas do âmbito físico, outros aspectos voltados à organização do trabalho também passaram a ser considerados patogênicos à saúde mental dos empregados., como pode ser identificado no quadro 1, a seguir.

Quadro 1- Transtornos Mentais e do Comportamento Relacionados com o Trabalho

DOENÇAS	AGENTES ETIOLÓGICOS OU FATORES DE RISCO DE NATUREZA OCUPACIONAL
Outros transtornos neuróticos especificados (Inclui "Neurose Profissional") (F48.8)	<ul style="list-style-type: none"> • Problemas relacionados com o emprego e com o desemprego (Z56.-): Desemprego (Z56.0); Mudança de emprego (Z56.1); Ameaça de perda de emprego (Z56.2); Ritmo de trabalho penoso (Z56.3); Desacordo com padrão e colegas de trabalho (Condições difíceis de trabalho) (Z56.5); Outras dificuldades físicas e mentais relacionadas com o trabalho (Z56.6)
Transtorno do Ciclo Vigília-Sono Devido a Fatores Não-Orgânicos (F51.2)	<ul style="list-style-type: none"> • Problemas relacionados com o emprego e com o desemprego: Má adaptação à organização do horário de trabalho (Trabalho em Turnos ou Trabalho Noturno) (Z56.6) • Circunstância relativa às condições de trabalho (Y96)
Sensação de Estar Acabado ("Síndrome de Burn-Out", "Síndrome do Esgotamento Profissional") (Z73.0)	<ul style="list-style-type: none"> • Ritmo de trabalho penoso (Z56.3) • Outras dificuldades físicas e mentais relacionadas com o trabalho (Z56.6)

Fonte: Doenças Relacionadas ao Trabalho: Manual de Procedimentos para os Serviços de Saúde (2001).

Conforme salientam Paparelli, Sato e Oliveira (2011), em alguma medida, para determinado público, parece inconcebível que o trabalho, elemento construído socialmente deva ser transformado e não as pessoas. Essa visão de trabalho como fator de adoecimento mental reforçada por um decreto que possibilita o enquadramento e concessão de benefício previdenciário muito contribui para a reflexão acerca da necessidade de modificar as relações e conjunturas disponibilizadas no âmbito laboral, levando à investigação da multicausalidade do adoecimento laboral, algo que outrora seria improvável, haja vista ser o empregado o principal foco de mudança por muito tempo.

De acordo com Alves (2015) a discussão entre saúde mental, adoecimento e trabalho tem se expandido, pois aumentou nos últimos anos o número de pessoas acometidas por transtornos mentais e comportamentais relacionadas ao trabalho. Este aspecto é corroborado pelos dados da Secretaria de Previdência (2017) quando coloca que entre os anos de 2012 e 2016 os transtornos mentais e de comportamento foram considerados a terceira maior causa de incapacidade laboral no Brasil. Porém, foram concedidos em sua maioria (92%) benefícios previdenciários, assim chamados os que não possuem relação com o trabalho, em detrimento de acidentários, considerados decorrentes do exercício da função profissional. Estes dados conduzem a reflexão acerca da complexidade de se estabelecer o nexo causal entre o adoecimento mental e as condições e organização laborativas, mesmo havendo a possibilidade de concessão do benefício previdenciário.

É uma tarefa bastante árdua para os profissionais atuantes na saúde mental do trabalhador a realização de diagnósticos e avaliação de incapacidade laboral dos indivíduos. Para tanto, dispõem de manuais que colaboram na identificação desses sintomas e análise da possibilidade de retorno ao trabalho. De acordo com o manual proposto pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2001, p.163), os critérios que demonstram a limitação do trabalhador para o desenvolvimento de suas demandas se situam nas categorias explanadas a seguir.

LIMITAÇÕES EM ATIVIDADES DA VIDA DIÁRIA: que incluem atividades como autocuidado, higiene pessoal, comunicação, deambulação, viagens, repouso e sono, atividades sexuais e exercício de atividades sociais e recreacionais. O que é avaliado não é simplesmente o número de atividades que estão restritas ou prejudicadas, mas o conjunto de restrições ou limitações que, eventualmente, afetam o indivíduo como um todo;

EXERCÍCIO DE FUNÇÕES SOCIAIS: refere-se à capacidade do indivíduo de interagir apropriadamente e comunicar-se eficientemente com outras pessoas. Inclui a capacidade de conviver com outros, tais como membros de sua família, amigos, vizinhos, atendentes e balconistas no comércio, zeladores de prédios, motoristas de táxi ou ônibus, colegas de trabalho, supervisores ou supervisionados, sem alterações, agressões ou sem o isolamento do indivíduo em relação ao mundo que o cerca;

CONCENTRAÇÃO, PERSISTÊNCIA E RITMO: também denominados capacidade de completar ou levar a cabo tarefas. Estes indicadores ou parâmetros referem-se à capacidade de manter a atenção focalizada o tempo suficiente para permitir a realização cabal, em tempo adequado, de tarefas comumente encontradas no lar, na escola, ou nos locais de trabalho. Essas capacidades ou habilidades podem ser avaliadas por qualquer pessoa, principalmente se for familiarizada com o desempenho anterior, basal ou histórico do indivíduo. Eventualmente, a opinião de profissionais psicólogos ou psiquiatras, com bases mais objetivas, poderá ajudar a avaliação;

DETERIORAÇÃO OU DESCOMPENSAÇÃO NO TRABALHO: refere-se a falhas repetidas na adaptação a circunstâncias estressantes. Frente a situações ou circunstâncias mais estressantes ou de demanda mais elevada, os indivíduos saem, desaparecem ou manifestam exacerbações dos sinais e sintomas de seu transtorno mental ou comportamental. Em outras palavras, descompensam e têm dificuldade de manter as atividades da vida diária, o exercício de funções sociais e a capacidade de completar ou levar a cabo tarefas. Aqui, situações de estresse, comuns em ambientes de trabalho, podem incluir o atendimento de clientes, a tomada de decisões, a programação de tarefas, a interação com supervisores e colegas.

Nesse sentido, pode-se perceber o quão impactante podem ser as consequências advindas dos transtornos decorrentes do trabalho. Pois são consideradas vulnerabilidades que afetam desde relações externas do trabalhador, que compreendem tarefas rotineiras e básicas, como cuidados com a higiene pessoal; passando pela relação e convívio interpessoal, que não precisa ter vínculo direto com as questões laborais, influenciando ainda a condição de manter o ritmo e foco no trabalho, até chegar no ápice que é a descompensação, diretamente associada à dificuldade ou mesmo impossibilidade de execução das demandas profissionais. Guirado (2017) ratifica essa colocação destacando que o adoecimento mental se configura de maneira

complexa, envolvendo as perspectivas política, social, cultural e econômica, ou seja, uma gama de relações bastante distintas, mas que fazem parte do desenvolvimento humano em sua totalidade.

Essa contextualização demonstra que o mundo do trabalho possui a sua dialética, ou seja, gera prazer X sofrimento, precarizado X central na vida, sentido X significado e direciona pensar que processo de intensificação do trabalho, flexibilização das atividades e alterações na organização do trabalho dos professores provavelmente leva a este ator social ocupar um lugar não desejado e denominado de trabalhador adoecido que simbolicamente reforça a ideia de fracasso, frágil e incapaz.

3.1.1 Caracterização dos Transtornos Mentais e Comportamentais Referentes ao Trabalho

Além da caracterização das dificuldades vivenciadas pelos indivíduos acometidos por transtornos mentais decorrentes do trabalho, os profissionais da saúde mental podem balizar sua prática pelo manual para identificar quais são eles e qual sua sintomatologia, que serão brevemente descritos neste ensaio. Tendo em vista que para uma discussão acerca desta temática, é importante analisar de que forma esses transtornos se manifestam. De acordo com a portaria nº 1339 do Ministério da Saúde (BRASIL, 2001, p. 164) a lista dos transtornos mentais e comportamentais relacionados ao trabalho, com seus respectivos códigos da décima edição da Classificação Internacional de Doenças- CID 10 é a seguinte:

- Demência em outras doenças específicas classificadas em outros locais (F02.8)
- Delirium, não sobreposto à demência, como descrita (F05.0)
- Transtorno cognitivo leve (F06.7)
- Transtorno orgânico de personalidade (F07.0)
- Transtorno mental orgânico ou sintomático não especificado (F09.-)
- Alcoolismo crônico (relacionado ao trabalho) (F10.2)
- Episódios depressivos (F32.-)
- Estado de estresse pós-traumático (F43.1)
- Neurastenia (inclui síndrome de fadiga) (F48.0)
- Outros transtornos neuróticos especificados (inclui neurose profissional) (F48.8)
- Transtorno do ciclo vigília-sono devido a fatores não orgânicos (F51.2)

- Sensação de estar acabado (síndrome de burnout, síndrome do esgotamento profissional) (Z73.0)

A demência é caracterizada por um declínio, crônico ou progressivo no sistema cognitivo, afetivo e psíquico do sujeito, que influencia na execução de diversas atividades. Na demência ocorrem alterações nos domínios da memória, atenção, julgamento, linguagem, orientação, pensamento. Em geral, possui um curso progressivo e raramente reversível, podendo ser associada a fatores distintos, além de outras doenças, tais como alcoolismo, epilepsia, doença de Parkinson, contusões cerebrais, etc. Sua correlação com o trabalho pode ser evidenciada por meio da exposição do trabalhador a algumas substâncias tóxicas, como monóxido de carbono, sulfeto de hidrogênio, sulfeto de carbono, metais pesados (manganês, mercúrio, chumbo e arsênio) e derivados organometálicos (chumbo tetraetila, organoestanhosos). Caso seja comprovada a conexão, empregado será enquadrado no grupo de classificação em que o trabalho está diretamente relacionado ao adoecimento (BRASIL, 2001; DALGALARRONDO, 2019).

De acordo com o Ministério da Saúde (2001), o delirium, não sobreposto à demência se caracteriza pela presença de distúrbio global no que diz respeito à atenção e orientação com rebaixamento do nível da consciência. Podendo incluir alterações de humor, percepção, pensamento e comportamento. Tem possibilidade de ocorrer quando o trabalhador está exposto a substâncias asfixiantes: monóxido de carbono, dissulfeto de hidrogênio; sulfeto de carbono, metais pesados, derivados organometálicos ou por trauma cranioencefálico. O trabalhador é enquadrado na classificação em que o trabalho é causa necessária quando da manifestação deste transtorno, após a exposição às substâncias supracitadas.

O trabalhador se for submetido ao ambiente com brometo de metila, chumbo e seus compostos tóxicos, manganês e seus compostos tóxicos, mercúrio e seus compostos tóxicos, sulfeto de carbono, tolueno e outros solventes aromáticos neurotóxicos, tricloroetileno, tetracloroetileno, tricloroetano e outros solventes orgânicos halogenados neurotóxicos, outros solventes orgânicos neurotóxicos e níveis elevados de ruído, pode apresentar transtorno cognitivo leve, que se demonstra por meio da alteração de memória, orientação, possibilidade de aprendizado e capacidade de concentração em tarefas contínuas. Nessas condições o trabalho se manifesta como causa do desenvolvimento do transtorno (BRASIL, 2001).

O transtorno orgânico de personalidade é caracterizado como “a alteração da personalidade e do comportamento que aparece como um transtorno concomitante ou residual de uma doença, lesão ou disfunção cerebral” (BRASIL, 2001, p. 171). Nesse sentido, o indivíduo evidencia mudança nos padrões de comportamento, principalmente no que se refere a expressões da emoção, necessidade e impulsos. Os trabalhadores acometidos deste transtorno podem ter sido expostos ao brometo de metila; chumbo ou seus compostos tóxicos; manganês e seus compostos tóxicos; mercúrio e seus compostos tóxicos; sulfeto de carbono; tolueno e outros solventes aromáticos neurotóxicos; tricloroetileno, tetracloroetileno, tricloroetano e outros solventes orgânicos halogenados neurotóxicos; outros solventes orgânicos neurotóxicos (BRASIL, 2001).

Segundo o Manual de Doenças Relacionadas ao Trabalho (2001), os transtornos mentais orgânicos ou sintomáticos não especificados compreendem um grupo de transtornos mentais que possuem uma etiologia evidente, por meio de lesões cerebrais ou danos que afetam indiretamente o cérebro. Fazem parte desse grupo

a demência na doença de Alzheimer, a demência vascular, a síndrome amnésica orgânica (não-induzida por álcool ou psicotrópicos) e vários outros transtornos orgânicos (alucinose, estado catatônico, delirante, do humor, da ansiedade), a síndrome pós-encefalite e pós-traumática, incluindo, também, a psicose orgânica e a psicose sintomática (BRASIL, 2011, p. 173).

As mesmas substâncias que podem causar o transtorno orgânico de personalidade, também são responsáveis por desencadear transtornos mentais orgânicos ou sintomáticos não especificados. Nesse sentido, há a possibilidade de estabelecer o trabalho como causa imediata do adoecimento.

O alcoolismo é considerado como a incapacidade de controlar ou moderar o consumo do álcool, iniciada pelo uso contínuo da substância, assim o indivíduo pode manifestar sintomas específicos relacionados ao abuso da substância, tais como o abuso em grandes quantidades ou em maior período do que o pretendido; perda de atividades pessoais, sociais ou profissionais em decorrência do abuso do álcool, dentre outras (DSM – V, 2014). Além disso, possui um aspecto de dependência ou compulsão para o uso de álcool, na qual o indivíduo não se reconhece como alguém dependente da substância. Sua correlação com o trabalho pode advir da realização de atividades consideradas de baixo prestígio, tarefas em que o trabalhador permaneça por longos períodos afastados do lar, ou ainda nas quais desempenhe suas funções sob excessiva exigência. No caso do alcoolismo, percebe-se a etiologia relacionada às

condições de trabalho e não a exposição a materiais tóxicos. Assim, o nexos estabelecido é de natureza probabilística, sendo o trabalho um elemento de risco para a multicausalidade do distúrbio (BRASIL, 2001; DALGALARRONDO, 2019).

Os episódios depressivos se evidenciam pelo humor triste, perda de interesse em realizar atividades diárias, redução da concentração, redução de peso por perda de apetite, o indivíduo pode se queixar de sensação de fadiga e sinalizar pensamentos autodepreciativos e ideias suicidas. A associação entre episódios depressivos e o trabalho é bem tênue, pois está relacionada a episódios de decepções ou frustrações vivenciadas pelo trabalhador, além de excessivas exigências, competição exacerbada entre os pares, receio de perda do emprego. Portanto, o trabalho é um fator de risco para o desenvolvimento destes episódios e não causa necessária. O trabalhador também pode desencadear episódios depressivos quando exposto às substâncias tóxicas causadoras do transtorno orgânico de personalidade (BRASIL, 2001; DALGALARRONDO, 2019).

Para Barlow (2016) o estado de estresse pós-traumático diz respeito a um transtorno ocorrido após a vivência de um evento traumático, no qual o indivíduo não se recuperou e passou a revivenciar os momentos estressores. Para esta condição, o sujeito pode ter sido o alvo na situação estressora ou testemunhado o ocorrido. Não existem evidências epidemiológicas significativas acerca deste transtorno com relação ao âmbito laboral, entretanto este pode estar relacionado a trabalhos perigosos, que exigem cuidado com vidas ou com grande risco de acidentes. Os trabalhadores que sofreram vivências traumáticas no âmbito laboral e desenvolveram o transtorno de estresse pós-traumático são enquadrados na classificação em que o trabalho é causa necessária para o adoecimento (BRASIL, 2001).

De acordo com o Manual de Doenças Relacionadas ao Trabalho (2001, p. 184), a neurastenia é “a presença de fadiga constante, acumulada ao longo de meses ou anos em situações de trabalho em que não há oportunidade de se obter descanso necessário e suficiente”. Desta forma, o trabalhador indica que não consegue descansar ou sente que já acorda cansado. Ademais, estão presentes como outros sintomas aparentes a má qualidade do sono, dificuldade para adormecer, despertar ao longo da noite. O trabalho com excessivas horas extras, turnos alternados e acelerados, sem condição de descansos ou pausas estão associados ao desenvolvimento da neurastenia.

Transtornos neuróticos especificados se referem a quadros clínicos nos quais características pessoais ligadas à organização do trabalho contribuem para o desenvolvimento de sofrimento psíquico. Deste modo, aspectos associados ao ritmo de trabalho, medo de perder o emprego, má adaptação ao emprego, excessos de exigências podem ser considerados elementos que contribuem para a multicausalidade do transtorno. Neste caso, o trabalho atua como um fator probabilístico e não como determinante para o adoecimento (BRASIL, 2001).

No transtorno do ciclo vigília-sono devido a fatores não orgânicos, o trabalhador se sente sonolento durante a vigília e é percebida má qualidade do sono, bem como dificuldades para dormir. Este transtorno pode ter relação com trabalhos nos quais a organização é feita em turnos e o empregado tem uma rotina de sono diferente do habitual para a maioria da população. O trabalho é causa necessária nas condições em que o trabalhador adoecido estiver submetido às condições supracitadas (BRASIL, 2001).

A Síndrome de Burnout é resultado do estresse crônico não gerenciado no trabalho, caracterizada pela perda de sentido na relação do trabalhador com sua atividade, de modo que o indivíduo não vê possibilidades de modificação da realidade e seu esforço parece desnecessário. Possui três dimensões específicas, exaustão emocional; despersonalização ou cinismo e redução da realização profissional. É uma condição especificamente relacionada ao trabalho, porém apesar disso o trabalhador que desenvolve a síndrome é enquadrado na classificação a qual o trabalho é visto como um fator de risco relacionado à etiologia multicausal (BRASIL, 2001; CODO, VASQUEZ-MENEZES, 1999; OPAS, 2019).

Após a descrição dos transtornos mentais e de comportamento incluídos nas categorias de adoecimento no trabalho, pode-se identificar a presença de transtornos provocados por agentes tóxicos, tornando a noção de causalidade mais explícita. Entretanto, quando se fala sobre transtornos ocasionados pela organização do trabalho, tais como excessiva exigência, exacerbada competição, medo da perda do emprego, dificulta a compreensão do nexo, pois são elementos subjetivos que estão dispostos em diversos ambientes laborais e, por vezes, são fomentados pela gestão para induzir a maior produtividade, como no caso das telefonistas analisadas por Le Guillant, pois ainda que a pressão indicasse algo negativo para elas, era positivo para a empresa por incentivá-las a produzir mais (RABELO; SILVA; LIMA, 2018). Assim, é importante discutir a causalidade do adoecimento não de maneira unívoca, mas, sobretudo, considerando os diversos fatores que estão envolvidos no trabalho. Conforme salientam Paparelli, Sato e Oliveira (2011) que a busca da etiologia não deve ser mecanicista,

pois há o risco de não se compreender a relação ocorrida entre os elementos laborais e o trabalhador.

3.2 Estresse e Estresse Laboral/Ocupacional

É necessária a compreensão das etapas que podem contribuir para o desenvolvimento do adoecimento no contexto de trabalho. Nesse sentido, entende-se que o estresse é um fator recorrente nas análises laborais que podem colaborar para a culminância da Síndrome de Burnout. Apesar da Síndrome estar sendo retratada com bastante frequência na atualidade, o estudo acerca do estresse tem sido realizado há algumas décadas por se tratar de um fenômeno que interfere diretamente na vida dos indivíduos.

Além das condições estressoras, que podem acometer quaisquer pessoas, tornou-se importante a investigação acerca do estresse laboral, tendo em vista os danos que fatores estressores no ambiente de trabalho podem causar à qualidade de vida e impactar o bem-estar físico e psicológico dos trabalhadores. Lipp (2004, p.24) corrobora quando coloca que:

Além de desencadear sintomas psicológicos, o stress pode contribuir para a etiologia de várias doenças mais graves e afetar a qualidade de vida individual e das populações específicas. Dentre as doenças psicofisiológicas estudadas que têm o stress presente em sua ontogênese, como um fator contribuinte ou desencadeador, encontram-se: hipertensão arterial essencial, úlceras gastroduodenais, câncer, psoríase, vitiligo, retração de gengivas, depressão, pânico e surto psicótico.

Observa-se a urgência em analisar aspectos da vida e labor que possam ocasionar estresse, a fim de elaborar estratégias de intervenção com o propósito de minimizar tais impactos e conseqüentemente a Síndrome de Burnout.

O uso do termo estresse foi absorvido da Engenharia por evidenciar que deveriam ser considerados os materiais usados na construção de pontes e outras estruturas, porquanto a depender do material, este poderia não suportar a carga. Tal correlação também pode ser feita com as pessoas, visto que o ser humano varia em sua capacidade de suportar diferentes tipos de cargas emocionais (LIPP, 2004). Dessa forma, pode-se aplicar o construto do estresse analisando as cargas e vivências relatadas pelos indivíduos.

A análise sobre o estresse foi desenvolvida a partir de estudos de Hans Selye, com uma fundamentação de base fisiológica, tendo em seu cerne de observação as reações biológicas a partir dos eventos estressores, tais como ameaça ou agressão. Assim, Selye faz uma divisão entre as etapas de impacto vivido pelos organismos. Sendo a primeira fase denominada alarme

ou alerta, pois nesse momento o indivíduo consegue identificar sua reação diante de agentes estressores, a partir da qual o corpo se prepara para o processo de “luta ou fuga”, no qual há descarga de adrenalina fazendo com que o corpo tenha sua homeostase abalada (LIPP, 2004; SELLIGMAN- SILVA, 2011). É deveras importante salientar que esse evento pode ser ocasionado em diversos contextos da vida do sujeito, não se constituindo necessariamente como um elemento negativo ou adoecedor, pois diferentes estimulações são capazes também de promover uma quebra da homeostase, como surpresas, promoções no trabalho, reencontros, dentre outros episódios e acontecimentos.

Para Lipp (2004) a fase de resistência preconizada por Selye indica o prolongamento do estressor ou ainda quando tal intensidade é excessiva para o nível de resistência do organismo gerando uma necessidade de adaptação a fim de manter o equilíbrio e caso o indivíduo possua uma reserva de energia ou consiga utilizar outras estratégias de controle e enfrentamento é possível sair da condição de estresse. Porém, caso o estressor exija mais demanda de adaptação do sujeito, então é possível que se torne vulnerável para o desenvolvimento de doenças.

Em alguns casos, o sujeito pode não ter resistência suficiente para lidar com a fonte de estresse, além disso diferentes situações podem estar ocorrendo de modo simultâneo que possam configurar também como fatores estressores. Assim, a tendência é que o estresse evolua para a fase de exaustão sendo sinalizada a partir de aspectos psicológicos, bem como exaustão física e até o possível surgimento de doenças (LIPP, 2004). Deve-se destacar a necessidade de investigação a respeito de elementos estressores, de modo que o sujeito seja capaz de desenvolver habilidades e estratégias de prevenção à fase de exaustão.

A preocupação com as estratégias de intervenção para o estresse não deve ocorrer apenas individualmente, mas refletindo ainda acerca de seus impactos em diferentes contextos, tais como no âmbito laboral. As discussões sobre o estresse laboral possuem diferentes centralidades, tais como uma visão estritamente fisiológica ou, por sua vez, buscando identificar a importância dos diversos espaços para o desenvolvimento do estresse (SELLIGMAN-SILVA, 2011). Outras definições a respeito do estresse ocupacional são preconizadas, evidenciando aspectos externos relacionados ao tipo de trabalho desempenhado, bem como à forma na qual as relações de ajuda são estabelecidas, indicando profissionais que atuam com serviço de apoio, como médicos, enfermeiros e professores como mais vulneráveis ao estresse ocupacional (CORRÊA; SOUZA; BAPTISTA, 2013).

Segundo Selligman-Silva (2011, p.126) existem categorizações no tocante aos elementos estressores no trabalho, tendo a seguinte classificação:

- 1) Estressores relacionados às exigências para a realização das tarefas. Esta categoria compreende os vários aspectos que determinam a sobrecarga quantitativa e qualitativa, bem como a subcarga do trabalho repetitivo e fragmentado e a subcarga quantitativa das atividades em que há escassas tarefas a desempenhar - como, por exemplo, o trabalho dos vigias.
- 2) Organização e gerenciamento. Assinala nesse elenco: falta de possibilidade de tomar decisões, burocracia, autoritarismo e “gerência inadequada”.
- 3) Work- Role (Papeis desempenhados): ambiguidade e conflito de papeis.
- 4) Problemática referente à carreira: falta de perspectiva quanto ao progresso, desinformação quanto a perspectivas, critérios de promoção obscuros.
- 5) Horários de trabalho inconvenientes. Destaque para o regime de trabalho em turnos alternados (turnos de revezamento).
- 6) Limitação de contatos interpessoais.
- 7) Pouca segurança no emprego.
- 8) Riscos físicos e químicos.
- 9) Problemas na interface trabalho/lar.

É mister refletir sobre os diferentes âmbitos que podem impactar a vida do trabalhador, considerando ainda que muitos elementos destacados estão intimamente relacionados com a própria organização da atividade, não sendo possível eliminar do processo de trabalho e, por conseguinte, gerando uma demanda de intervenção por parte da psicologia quando presente nesses espaços e desenvolvimento de estratégias de enfrentamento dos próprios trabalhadores.

Tais aspectos são validados por Corrêa, Souza e Batista (2013) quando colocam que o estresse laboral ainda pode impactar outros âmbitos da vida, além do trabalho. Pois as relações sociais podem ficar desajustadas devido a falta de tempo para investimento em diferentes relações, bem como o pouco suporte social que decorre do isolamento para o desenvolvimento de atividades de trabalho. Ao se conhecer como ocorre o estresse laboral é possível identificar quais variáveis estão influenciando as condições do ambiente de trabalho e entender como a Síndrome de Burnout pode se desenvolver (FLORENTINO *et al.* 2015).

4 SÍNDROME DE BURNOUT

A Síndrome de Burnout (SB) tem se tornado cada vez mais conhecida por intermédio dos meios de comunicação, como jornais e internet, fazendo com que os trabalhadores consigam ter acesso a informações e desta maneira identificar os sintomas e sinais que estão vivenciando. De forma mais sistematizada numerosas publicações são realizadas acerca da síndrome de Burnout na literatura científica a fim de elucidar as características observadas nos trabalhadores, bem como indicar os contextos que podem contribuir para o desenvolvimento da Síndrome.

Esta noção tem sido norteadora para muitas pesquisas e discussões no contexto laboral, pois se tornou objeto de investigação de pesquisadores e profissionais preocupados com a saúde mental dos trabalhadores. A extensa difusão da temática na atualidade se deve ao início dos estudos e conceituação da síndrome que, de acordo com Arantes e Vieira (2010), foi desenvolvida pelo psicanalista Freudenberg em 1973 sendo difundida nos anos seguintes pela psicóloga Cristina Maslach, um nome fundamental para a investigação e definição deste fenômeno.

A SB diz respeito a um fenômeno psicossocial que se caracteriza como uma resposta aos estressores crônicos decorrentes das relações no trabalho e pode acometer profissionais de diferentes áreas, mas principalmente aqueles que lidam diretamente com pessoas em sua atuação laboral. A SB começou a ser estudada não apenas como uma resposta do sujeito ao estresse vivenciado individualmente, mas a partir das relações estabelecidas no local de trabalho. Além disso, houve diferenças no foco de análise da SB no início de seus estudos, porquanto o olhar clínico direcionava a atenção para os sintomas e efeitos à saúde mental dos pesquisados, enquanto o lado social da análise indicava a preocupação como o relacionamento estabelecido no trabalho bem como o contexto das profissões estudadas (MASLACH; SCHAUFELI; LEITER, 2001).

Para França e Rodrigues (2005, p.52) a SB ocorre devido à dificuldade em se adaptar a situações estressoras no ambiente de trabalho, desta forma:

O burnout seria a resposta emocional a situações de stress crônico em função de relações intensas – em situações de trabalho – com outras pessoas ou de profissionais que apresentam grandes expectativas em relação a seus desenvolvimentos profissionais e dedicação à profissão; no entanto, em função de diferentes obstáculos, não alcançaram o retorno esperado.

Ou seja, para haver a identificação como SB não basta apenas a vivência de estresse, mas principalmente que este esteja relacionado com as expectativas e exigências direcionadas ao trabalho.

De acordo com a definição de Maslach e Jackson (1981) e Maslach, Schaufeli e Leiter (2001) a SB possui três dimensões, diferenciando de outras condições de estresse. A primeira dimensão da SB é chamada de exaustão emocional (EE). Esta fase indica a etapa mais individual da síndrome, pois o profissional percebe-se com a sensação de esgotamento, bem como identifica que não consegue mais investir emocionalmente para atender às pessoas das quais prestam seus serviços, visto que sente seus recursos físicos e emocionais esgotados. Assim, com a vivência diária e as diferentes repercussões dos acontecimentos os profissionais sentem que não conseguem descansar, faltando energia e recursos para lidar com as demandas do contexto laboral (CARLOTTO, 2003; LOPES; PONTES, 2014; MARUCCO; GIL-MONTE; FLAMENCO, 2008; MASLACH; SCHAUFELI; LEITER, 2001).

As dimensões do Burnout compreendem aspectos que são decorrentes da ligação que o trabalhador tem com o seu trabalho e dizem respeito também às consequências que afetam o profissional. A fase de exaustão emocional corresponde a uma perda de energia, na qual o trabalhador se percebe deveras cansado e, portanto, sente que não tem forças para atender as suas demandas de trabalho e sua clientela conforme outrora o fazia. Percebe-se como esgotado emocionalmente, isto é, há a presença de frustração e tensão, pois em sua avaliação não conseguirá realizar suas atividades como deveria (FRANÇA; RODRIGUES, 2005; ROSSI; MEUERS; PERREWÉ, 2015). Ademais, de acordo com França e Rodrigues (2005, p.53) o profissional sofre muitos efeitos decorrentes do Burnout, deste modo, na fase de exaustão,

[...] torna-se pouco generoso, aparentemente insensível e, muitas vezes, apresenta um comportamento rígido e adota rotinas inflexíveis, como uma forma de manter-se “imparcial”, distante de qualquer envolvimento com clientes e colegas. As relações com o trabalho e com a vida são vividas como insatisfatórias e pessimistas.

Sem dúvida, esta forma de se conectar com os usuários de um serviço ou com o próprio ambiente laboral são prejudiciais, tanto para quem utiliza um serviço quanto para quem desenvolve a tarefa, pois este último sempre chegará ao trabalho já pensando em ir embora, podendo tal relacionamento ser extremamente desgastante.

Ao se sentirem cada vez mais esgotados, os profissionais percebem a dificuldade em se envolver em nível emocional e psicológico com o público do serviço que presta chegando

à segunda dimensão, conhecida como despersonalização (DE) ou cinismo, pois acabam desenvolvendo comportamentos presunçosos diante de seus clientes e por fim, tendendo a indicar insensibilidade em suas ações. A despersonalização é o componente interpessoal da SB, porquanto diz respeito a uma resposta negativa, insensível ou extremamente distanciada a diferentes aspectos do trabalho (MASLACH; SCHAUFELI; LEITER, 2001). Isso pode ser exemplificado por Selligman-Silva (2011, p. 525) sinalizando que essa fase pode ser identificada da seguinte forma:

Professoras não suportam mais ver os alunos diante de si; enfermeiras referem não aguentar mais a proximidade dos doentes de quem cuidavam, médicos sentem igualmente essa súbita rejeição pelos clientes, da mesma forma que assistentes sociais sentem necessidade de se afastar das pessoas que esperam atendimento. Instala-se o desinteresse pelo trabalho, tudo o que anteriormente “movia a alma” passa a ser indiferente ou irritante [...].

A dimensão despersonalização é a característica mais evidente do Burnout, que o diferencia do estresse. Nesta fase o trabalhador costuma ter uma atitude desumanizada e sem empatia e em muitas situações não considera que os indivíduos que estão solicitando auxílio são sujeitos que precisam de ajuda. Desta forma, pode pensar as questões laborais de modo extremamente burocrático e negativo, considerando incômodas as relações que precisa estabelecer no trabalho. (FRANÇA; RODRIGUES, 2005; PEREIRA, 2014; ROSSI; MEUERS; PERREWÉ, 2015).

Com a mudança na relação estabelecida com os pares e público, pode advir uma redução no desempenho e dificuldade de manter a atenção nas atividades executadas, culminando na terceira dimensão, conhecida como reduzida realização profissional (RP). Esta fase se evidencia como a tendência a se autoavaliar negativamente e perceber-se insatisfeito com suas realizações no trabalho. Referindo-se ainda a sentimentos de incompetência e falta de produtividade no trabalho que podem interferir no desenvolvimento do trabalho e consequentemente no relacionamento com as outras pessoas (MARUCCO; GIL-MONTE; FLAMENCO, 2008; MASLACH; JACKSON, 1981; MASLACH; SCHAUFELI; LEITER, 2001; SELIGMAN-SILVA, 2011). O significado da SB tem relação com aquilo que não funciona por falta de energia, ou seja, faz alusão ao momento em que o trabalhador chega a total exaustão (PEREIRA, 2014).

Ainda não existe um consenso sobre a definição da SB, isso ocorre em razão de alguns estudiosos não conceituarem Burnout como uma síndrome peculiar, mas como um tipo de estresse que se desenvolve no contexto do trabalho, ou mais especificamente como um

estresse referente a atividades voltadas à assistência, indicando que se trata de estresse laboral ou estresse laboral assistencial (PEREIRA, 2014).

Apesar disto, existem características que diferenciam o estresse da SB embora alguns sintomas possam ser semelhantes em ambos os casos. Conforme apontam Arantes e Vieira (2010, p. 116):

Estresse é a tensão mental e corporal resultante de fatores que tendem a alterar um equilíbrio existente, ou ainda, estresse é a soma de reações biológicas a um estímulo adverso, físico, emocional ou mental, interno ou externo que tende a perturbar a homeostase do organismo.

Destarte, o estresse possui conexão especialmente com o equilíbrio do organismo, isto é, na presença de um agente estressor, o corpo reage a fim de garantir que não haja nenhuma perturbação para o organismo. Na síndrome de Burnout o organismo também produz estratégias para lidar com a tensão experimentada, portanto, se aproxima da definição de estresse. Contudo sua distinção primordial está centrada na descrição de uma condição que é influenciada diretamente pelas relações de trabalho (PEREIRA, 2014). O Burnout possui particularidades ao ser percebido como uma síndrome que acomete o trabalhador no contato com o usuário da demanda que exerce.

As áreas que estão comumente associadas à SB são aquelas nas quais o profissional identifica oportunidade de ocupar uma posição de destaque na sociedade, contribuir de maneira significativa para a comunidade, além de alcançar realização econômica. Estes aspectos estão relacionados com a dimensão redução de realização profissional da SB, porquanto o profissional com a síndrome passa a fazer uma autoavaliação negativa e não consegue se perceber como alguém que atingiu êxito em sua carreira profissional, também pode desenvolver baixa autoestima e sentimento de não estar adequado aos seus valores e preceitos. Somado aos aspectos de exaustão emocional e despersonalização o profissional pode, por vezes, adquirir outras comorbidades graves como a depressão (FRANÇA; RODRIGUES, 2005).

Os impactos da SB são distintos e, portanto, podem afetar diferentes aspectos da saúde do trabalhador, bem como suas relações, interferindo em nível físico, psíquico e psicossocial. Jbeli (2008) sugere a evolução da síndrome a partir de 4 estágios, nos quais vão se desenvolvendo sinais e sintomas capazes de indicar as repercussões ao trabalhador. Assim, na primeira fase fica comprometido o interesse em ir para o trabalho, além de surgirem dores diversas no corpo. A segunda acomete o trabalhador por fazê-lo se distanciar da sua relação

com os pares e surgirem as ausências no contexto de trabalho caracterizando o absenteísmo. No terceiro estágio se observam erros frequentes nas atividades desempenhadas e pode dar-se início à ingestão de álcool de modo exacerbado, culminando na quarta fase que pode evidenciar alcoolismo, bem como abuso de outras drogas e pensamentos autolesivos. Corroboram com essa colocação Tabares-Díaz, Martínez-Daza e Matabanchoy-Tulcán (2020, p.266, tradução nossa) indicando que:

[...]As consequências da SB, as quais geram prejuízos nas condições de vida do indivíduo a nível físico, psicossocial e laboral, incluindo conflitos familiares e profissionais, problemas psicossomáticos, afecções cardiovasculares, gastrointestinais, musculares e respiratórias, alterações no estado emocional, deterioração da saúde psicológica, esgotamento mental, percepção negativa do estado de saúde em geral, abuso de substâncias, diminuição da produtividade do trabalho, aumento do absenteísmo e baixo limiar para suportar a pressão, dentro das principais.

A SB já faz parte do manual de doenças relacionadas ao trabalho desde 2001 no Brasil e em 2019 a OMS incluiu a Síndrome de Burnout na 11ª revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID -11), que terá seu lançamento em 2022, considerando-a como um fenômeno ocupacional. Segundo o Manual de doenças relacionadas ao trabalho como fatores de risco para o desenvolvimento da SB destacam-se transformações significativas no contexto laboral, além da redução nas condições econômicas, sendo esses elementos sinalizadores independente da área de atuação dos profissionais e dos grupos etários. Nesse sentido, cabe destacar que a incidência da síndrome está mais relacionada a aspectos relacionados ao trabalho em detrimento de características individuais do trabalhador (BRASIL, 2001; OPAS, 2019).

É fundamental compreender em quais os contextos e condições a SB se instala e se mantém. Isto é importante na medida em que se cria possibilidades para que as dimensões desse problema sejam compreendidas e, por conseguinte possam ser combatidas, ou minimizadas proporcionando saúde mental aos profissionais, em especial aos docentes que lidam com agentes estressores de forma crônica e recorrente.

4.1 A Síndrome de Burnout na docência do Ensino Básico (EB)

Ao longo da história à carreira da docência foi concedido o olhar de relevância e compromisso de forma ampla, tendo como objetivo atender ao desenvolvimento da sociedade, além de gerar no professor a responsabilidade de contribuir para novas formações e carreiras. Igualmente, ainda é atribuída ao docente em muitos casos, a obrigação de preservar e manter saudável a relação de ensino-aprendizagem, a fim de garantir que o ensino seja concretizado.

Por outro lado, na atualidade, a docência tem se deparado com uma diferente realidade que se apresenta com novas roupagens e, por conseguinte, com distintas exigências. Isto pode ser corroborado por Carlotto (2011), quando coloca que essa relação que o docente possuía com uma atividade direcionada à vocação profissional tem dado espaço para um âmbito voltado a questões burocráticas e técnicas que colocam o professor em mais funções das quais não estão dirigidas ao seu fazer inicial e intencional.

Alguns professores iniciam sua carreira com um ideal muito específico que tem como propósito implementar novas metodologias, aplicar seus conhecimentos e contribuir para modificar realidades sociais, porém, estas expectativas nem sempre são alcançadas. Os docentes que se engajam de forma “vocacional”, isto é, que não veem a profissão como uma forma de trabalho, mas como uma missão, podem se sobrecarregar, pois se envolvem de forma excessiva com o trabalho e ao não verem que suas ações trouxeram os resultados esperados, as consequências podem ser o sentimento de frustração e desgaste culminando na SB (MALANDER, 2016; SILVA *et al.*, 2017). Tal aspecto pode ser confirmado por Carlotto (2011, p.407) apontando que:

Geralmente professores iniciam suas carreiras bastante entusiasmados e com muita dedicação, tendo senso do significado social do seu trabalho e imaginando que o mesmo lhe proporcionará grande satisfação pessoal. Contudo, as inevitáveis dificuldades do ensino em interação com vulnerabilidades e questões pessoais, acrescidas das pressões e valores sociais, engendram os sentimentos de frustração, desencadeando uma série de questionamentos com relação à profissão e ao desejo de manter o investimento na mesma.

As variáveis que se apresentam no dia a dia do docente se constituem como elementos que podem contribuir para a percepção de uma realidade distinta da qual outrora fora planejada para sua atuação profissional, visto que muitas condições vivenciadas não são passíveis de manejo por parte do professor.

No âmbito de trabalho o docente precisa estabelecer várias relações que são imprescindíveis para a realização de suas demandas. Há a necessidade do estreito contato com a diretoria, da qual recebe orientações e normas; com a comunidade, que compreende pais e familiares, além de naturalmente se vincular com seus alunos que são os principais receptores de seus conteúdos. Todas estas relações podem ser determinantes para o desenvolvimento da SB na carreira docente, porquanto se trata de um fenômeno multidimensional e que Segundo Carlotto (2002) suas causas possuem uma combinação de elementos individuais, sociais e organizacionais que gerariam uma percepção de baixa valorização profissional.

De acordo com Biondo e Cardoso (2017) e Ramírez, Araiza e Anaya (2017) a docência é uma das áreas de grande risco para o desenvolvimento da SB, e isto se deve à intensa gama de atividades das quais o professor precisa desempenhar dentro e fora da escola, fazendo com que comprometa além do seu tempo de trabalho, o tempo destinado ao descanso, lazer, relacionamento interpessoal e até mesmo atualização profissional. Sendo a carreira docente do EB uma das mais propensas ao desenvolvimento de tal condição, posto que está submetida a um campo conflituoso, com diversas atividades fora do âmbito escolar, bem como reuniões tanto com os pais dos estudantes quanto com o corpo pedagógico (RIBEIRO; BARBOSA; SOARES, 2015).

As incumbências destinadas aos professores do EB são diversificadas e apontam para grandes atribuições, porquanto no ensino infantil e fundamental os docentes lidam com desenvolvimento psicomotor, elementos emocionais e psicossociais da primeira infância e no ensino médio se tornam referenciais para escolhas profissionais e entrada no mercado de trabalho. Isto possibilita a reflexão de que a SB não diz respeito somente aos aspectos voltados às relações desenvolvidas, mas também à carga de trabalho. Nessa perspectiva, é nítido que ao docente são exigidas condições nas quais ele sofre desgaste tanto em nível físico quando emocional, abrindo cada vez mais espaço para o estresse laboral, ao se considerar uma intensa carga de trabalho devido ao grande número de turmas e disciplinas que precisa lecionar (BISPO; AGUIAR, 2018; SILVA *et al.*, 2017).

Ademais, ao professor são direcionadas responsabilidades que não fazem parte de sua competência e embora isso aconteça, eles se veem na obrigação de oferecer soluções e respostas a demandas que vão além de seus deveres, como corrobora Malander (2016, p.178, tradução nossa):

A tarefa dos docentes os leva a se implicarem durante muitas horas ao dia nos problemas, dificuldades, preocupações e necessidade de seus alunos e incluem nos problemas que enfrentam os pais e famílias de seus alunos, os quais nem sempre podem contribuir para sua solução. Além disso, as famílias e a sociedade se tornaram incapazes de cumprir suas responsabilidades na formação das crianças e dos jovens, pois vão somando demandas cada vez mais complexas à tarefa.

O contexto escolar e a demanda por esses novos papéis decorrentes da delegação de responsabilidades fazem com que o professor se sinta frustrado ao descobrir que não consegue resolver todos os problemas que lhe são apresentados, exigências essas que excedem suas possibilidades.

Além deste aspecto, os professores se engajam em mais horas de trabalho em diferentes vínculos empregatícios, dados os baixos salários e a desvalorização da profissão,

sem, contudo, deixar de ser uma atividade que vivencia exigências e complexidades. Este fator pode levar o docente ao desenvolvimento da SB, ao se observar o trabalho como uma fonte de desgaste em detrimento do alcance de satisfação (BISPO; AGUIAR, 2018; CARLOTTO, 2011; KOGA *et al.*, 2015; SILVA *et al.*, 2017).

Para Biondo e Cardoso (2017); Bispo e Aguiar (2017); Esteves-Ferreira, Santos e Rigolon (2014) e Morte e Deps (2015) o desgaste do professor não se trata apenas da carga horária e distintos vínculos empregatícios, haja vista que questões como a estrutura oferecida e condições de trabalho influenciam sobremaneira na forma como esses trabalhadores realizam suas tarefas. Isto é, o volume de ruídos dentro da sala de aula exige que o professor precise aumentar sua intensidade vocal gerando desgaste e fadiga, bem como as altas temperaturas podem afetar a atenção dos alunos ao conteúdo dispensado. Adiciona-se a isto a falta de recursos para a realização de atividades pedagógicas que impõe a improvisação no trabalho, sendo necessária uma reorganização do planejamento, descaracterizando o trabalho original para que desta forma seja possível atender aos objetivos preparados inicialmente. As consequências disto recaem sobre o trabalhador sob forma de frustração, insatisfação e interesse de sair da profissão.

Para desempenhar seu papel com a qualidade necessária o professor precisa realizar diversas atividades administrativas que têm pouca relação com a sua profissão, executando funções na secretaria, dentre outras tarefas. Nem sempre os docentes são ouvidos acerca das decisões nas políticas de ensino que vão influenciar diretamente no seu ofício. Outrossim, para conseguir alcançar o objetivo de expor suas aulas o professor deve trabalhar muitas questões voltadas à indisciplina e mau comportamento de seus alunos, tornando a má relação com o aluno uma das mais representativas causas da SB em professores (CARLOTTO, 2002).

Os fatores estruturais, bem como elementos externos, quais sejam a relação com a direção da escola, responsabilidades atribuídas ao professor, números de aluno nas classes, jornadas de trabalho excessivas organização do trabalho de modo geral, dadas as atividades repetitivas e com pouco espaço para a criatividade podem contribuir para o desenvolvimento da SB, devido a intensidade e cronicidade do estresse vivenciado pelos professores e falta de autonomia em muitos casos para lidar com as condições relatadas. Outrossim, o docente fica impossibilitado de manejar tais situações experienciando cada vez mais sensações de exaustão e impotência (BIONDO; CARDOSO, 2017).

Ao se submeter a todas as circunstâncias supracitadas, diversos são os efeitos dos quais os docentes enfrentam, pois as consequências podem se refletir a nível físico e/ou psíquico e laboral. Caracterizando-se pela mudança nos hábitos rotineiros, apresentação de sintomas como cefaleia, tensão muscular, problemas cardiovasculares, gastrointestinais, respiratórios, insônias, perdas de memória, ansiedade etc. Além das repercussões no âmbito de trabalho, o qual é impactado pelo aumento do absenteísmo docente, diminuição na produtividade, desavenças ocorridas em sala de aula, agressividade dos professores e impactos das atitudes hostis no que diz respeito aos colegas de trabalho e alunos, ocasionadas pela perda do entusiasmo e simpatia pelos alunos, também decorrentes de um olhar pejorativo sobre sua profissão (BISPO; AGUIAR, 2018; CARLOTTO *et al.*, 2013; SINOTT, 2014; TABARES-DÍAZ; MARTÍNEZ-DAZA; MATABANCHOY-TULCÁN, 2020).

Sendo a relação professor-aluno uma das variáveis importantes na decisão da escolha profissional do professor, bem como um elemento causador de satisfação, esta pode ficar comprometida devido os efeitos da SB, visto que afetam em sua autoimagem e autoavaliação causando a percepção de incompetência, bem como prejudicando a relação que possuem com os alunos e a comunidade. A exaustão emocional, como primeira dimensão do Burnout pode influenciar no planejamento das aulas, dificultando o processo de elaboração e na própria dinâmica da aula, além de gerar certo distanciamento entre docentes e discentes, eliminando a empatia no processo ensino-aprendizagem e, portanto causar perda na motivação dos professores, ocasionando insatisfação e sofrimento num processo do qual se exige afetividade para além da técnica (ACHKAR, *et al.*, 2018; BIONDO; CARDOSO, 2017; CARLOTTO, 2011; CARLOTTO *et al.*, 2013).

No que se refere às dimensões da SB, os estudos evidenciam uma predominância de determinado perfil de professores afetados pela síndrome, sendo caracterizados em sua maioria pelo sexo feminino, solteiros e com menor tempo na docência (FREIRE *et al.*, 2015). Embora, essa caracterização seja recorrente, não há um consenso na literatura capaz de sinalizar suscetibilidade de Burnout em homens ou mulheres, podendo ser identificadas dimensões mais recorrentes como a despersonalização nos homens e a exaustão nas mulheres, isto pode ser justificado pelo fato dos homens socialmente terem mais dificuldades em expressar seus sentimentos e, por sua vez, apresentarem maior facilidade em assumir certo despreço quando acometidos pela SB. Ademais, as mulheres assumem demandas laborais e familiares, com dupla ou até tripla jornada, explicando a frequência da dimensão exaustão emocional (BATISTA *et*

al., 2010; CARLOTTO, 2011; ESTEVES-FERREIRA; SANTOS, RIGOLON, 2014; SINOTT *et al.*, 2014).

De acordo com Carlotto *et al.* (2013) e Yaegashi, Benevides-Pereira e Alves (2011) as fases despersonalização e baixa realização profissional podem não ser facilmente reconhecidas pelos docentes devido a desejabilidade social, bem como a expectativa que se tem da profissão, pois não seria esperado um professor revelar sentimentos de indiferença por seus alunos ou falta de apreço pelo trabalho que desempenha. Assim, a exaustão torna-se uma das propriedades mais características e reconhecidas da SB, visto que pode ser perceptível o cansaço e a fadiga e, além disso, segundo Carlotto *et al.* (2013, p. 204):

A identificação de Burnout pela dimensão de exaustão emocional, geralmente, ocorre porque é aceitável socialmente estar exausto em função do trabalho e, em muitos casos, o trabalho exaustivo faz com que o profissional seja mais valorizado, sendo inclusive reforçado pelos gestores institucionais.

É possível perceber o quanto aspectos sociais, construídos culturalmente possuem a força para designar a forma da qual os trabalhadores se caracterizam a partir da tarefa que desempenham.

Elementos importantes na vivência do profissional acometido ou vulnerável à SB são os fatores de proteção e estratégias de enfrentamento. As estratégias de enfrentamento são utilizadas como recurso para lidar com o estresse laboral assim que ele surge e podem influenciar na percepção ou manejo das condições estressoras no contexto de trabalho, como a noção de relacionamento harmonioso e integração entre os colegas. Elas podem se concretizar como um processo dinâmico, considerando que esse desenvolvimento depende da história de vida dos profissionais, podendo ser aprendido ou ensinado ao longo das vivências laborais (RAMON, 2015).

Alguns estudos indicam que a prática religiosa também pode contribuir para a redução da insatisfação, bem como a utilização de estratégias de fuga e esquiva, além do distanciamento das situações vivenciadas na escola. Outro aspecto relevante são as relações conjugais, pois os estudos apontaram que os docentes casados ou em união estável eram os que menos apresentavam escore para a SB, no entanto não basta estar em uma relação conjugal, é deveras importante o papel desempenhado e ocupado para se configurar como uma estratégia de enfrentamento à SB, ou seja, estar em uma relação saudável na qual seja perceptível o suporte

e apoio dispensado ao profissional que pode vir a enfrentar a SB (BIONDO; CARDOSO, 2017; BISPO; AGUIAR, 2018; DALCIN; CARLOTTO, 2017; SINOTT *et al.*, 2014).

Carlotto et al. (2013) destacam, porém, que por mais que o profissional lance mão de estratégias de enfrentamento ou possua outros recursos para lidar com as vivências estressoras sem adoecer ou manifestar sinais e sintomas que sejam capazes de afastá-lo de suas atividades laborais ou familiares, deve-se compreender que a SB não se trata de uma variável totalmente individual, mas sobretudo do contexto no qual o trabalhador está inserido entendendo que este âmbito deve ser transformado a fim de propiciar mais qualidade de vida ao docente e demais profissionais. Essa noção precisa ser examinada e considerada a fim de não responsabilizar ou culpabilizar o trabalhador por sua condição de adoecimento, porquanto ainda que haja fatores individuais para o desenvolvimento da SB, a organização e condição de trabalho não podem ser omitidas na análise do processo saúde/doença.

No que se refere ao âmbito de atuação, costuma-se realizar de estudos comparativos entre instituições públicas e privadas para a identificação do desenvolvimento da SB entre os docentes a partir do elemento contextual (BORBA *et al.*, 2015). Assim, nas pesquisas encontradas, observou-se que as fases da SB apresentam dados distintos entre docentes de escolas públicas e privadas no que diz respeito aos índices para a identificação da SB. No estudo de Lopes e Pontes (2009) os docentes de escola pública apresentaram índices maiores no que diz respeito à exaustão emocional em detrimento dos professores de escolas privadas, na fase despersonalização os professores de instituições privadas demonstraram maior índice se comparados aos de escolas públicas e os docentes de escolas públicas mostraram menos realização profissional.

De acordo com Dalcin e Carlotto (2017) a fase exaustão emocional tende a aumentar em docentes de escolas públicas quando eles utilizam estratégias de enfrentamento como fuga e esquivas, assim como aumenta a despersonalização ao se utilizar a estratégia de afastamento. Já com os docentes de escolas privadas o uso de estratégias de afastamento dos problemas vivenciados ou dos alunos pode contribuir para a fase da despersonalização. É fundamental compreender que não apenas as fases da SB, mas outras variáveis contextuais também podem interferir para o agravamento da saúde do docente.

No estudo de Esteves-Ferreira, Santos e Rigolon (2014) dados como a insatisfação e realização foram divergentes entre professores da rede pública e privada. Porquanto os

professores de escolas públicas sinalizaram estarem mais insatisfeitos ao contrário do observado com docentes da rede privada. Outro achado no estudo supracitado permite identificar que a falta de reconhecimento e desinteresse dos alunos pode contribuir para a dimensão despersonalização em ambos os segmentos, sendo o privado ainda mais cobrado pela escola e família dos estudantes, pois embora possa ter certa autonomia conferida pela instituição, sofre com as demandas impostas pelo mercado. Este aspecto é corroborado por Carlotto (2011, p. 407) quando coloca que “por questões mercadológicas há uma tendência a atrair clientes-alunos através de estratégias de marketing, investimento em equipamentos sofisticados, da modernização de laboratórios, da ampliação e do conforto de suas instalações”. Assim, independente do âmbito, o docente será afetado pelas conjunturas externas.

Pela própria natureza da tarefa e conjunturas da educação brasileira existem algumas similaridades na função de docente, porém existem diferentes atribuições para docentes de escolas públicas e privadas, considerando fatores como espaço físico, políticas educacionais, salário, número de alunos por turma etc. Isto pode conferir maior ou menor intensidade de vivências estressoras para os docentes de diferentes âmbitos, sendo necessária a investigação de diferentes possibilidades e variáveis que possam vir a influenciar os níveis de satisfação, bem como de adoecimento dessa classe de trabalhadores (CARLOTTO, 2011).

Para Silva *et al.* (2015), as condições de trabalho as quais os professores são submetidos possibilitam o aparecimento da SB em todas suas dimensões e assim, interferem negativamente nas práticas educacionais, dificultando a aprendizagem e principalmente afetando a saúde dos professores. Batista *et al.* (2010) salientam ainda que um elemento ainda mais preocupante é que as investigações e pesquisas estão sendo realizadas com os docentes ainda em atuação, o que indica que podem piorar sua condição de saúde, culminando em transtornos mentais ainda mais graves. Portanto, deve-se discutir e colocar à tona estes dados a fim de proporcionar aos professores meios para que executem seu trabalho preservando aspectos de sua saúde física e mental.

5 MÉTODO

Nesta seção será descrito o método utilizado para o desenvolvimento desta pesquisa, considerando os elementos que a compõem e a definem, como o tipo de pesquisa que foi realizada, abarcando sua natureza e delineamento; o local no qual a pesquisa foi feita, clarificando acerca das diferentes etapas; caracterização da população/ amostra, evidenciando quem foram os participantes dessa pesquisa e suas particularidades; critérios de inclusão e exclusão; procedimentos para coleta e análise de dados e por fim descrição sobre as considerações éticas que foram tomadas para a realização deste estudo.

5.1 Tipo de Pesquisa

O tipo de pesquisa realizado no presente estudo foi exploratório, pois teve como objetivo identificar a problemática apresentada e proporcionar maior conhecimento a respeito do tema. Nesse sentido, utilizou-se de diferentes meios para a coleta de dados, que é possibilitado devido a este tipo de pesquisa. Outrossim, este estudo é de cunho descritivo e analítico, pois além de explorar sobre a proposta a ser investigada, buscou descrever as características da população estudada, tendo os docentes como o público específico investigado, a fim de proporcionar uma correlação entre as variáveis, além de elucidação e alcance dos objetivos elencados (GIL, 2016).

Como delineamento desta pesquisa, foi utilizada a pesquisa bibliográfica, no intuito de identificar na literatura aspectos que pudessem corroborar os dados evidenciados por meio da investigação com os participantes. Além do método misto de pesquisa quanti/qualitativa que tem sua aplicação justificada quando apenas uma única fonte de dados é insuficiente para possibilitar o alcance dos objetivos propostos e com o propósito de obter dados por meio de fases distintas da pesquisa.

5.2 Local de Pesquisa

A pesquisa foi realizada com docentes de escolas públicas e privadas situadas na cidade de São Luís/MA.

5.3 População/Amostra

Para a realização desta pesquisa foi utilizada uma amostra não probabilística que, de acordo com Gil (2016), é utilizada em pesquisas de caráter qualitativo e possuem critérios definidos pelo pesquisador. Foram convocados quarenta e um professores que atuam nas redes pública e particular do município de São Luís como docentes entre o primeiro e o nono ano do ensino fundamental.

Adotando o fundamento da acessibilidade, a pesquisadora selecionou participantes que possuíam maior probabilidade de participar da pesquisa, observando a conveniência da pesquisa, bem como admitindo que possuíam as características necessárias para representar o universo da pesquisa (GIL, 2016). Estes participantes foram convocados por meio de grupos do sindicato da categoria em aplicativos de mensagem instantânea (WhatsApp), nos quais foram informados dos objetivos da pesquisa e receberam o link para acessarem caso tivessem interesse em participar.

Dentre os quarenta convocados, vinte e dois participantes eram docentes de escolas públicas do município de São Luís e dezenove docentes trabalhavam em escolas privadas. Observou-se que embora a pesquisa tenha sido divulgada pelos mesmos mecanismos de comunicação, mais participantes do ensino público acessaram a pesquisa e a responderam em comparação aos docentes do âmbito privado. Isso pode estar relacionado à facilidade de contato por meio dos grupos de sindicato dos professores de ensino público, o que não se mostrou tão presente com os docentes de ensino privado.

Houve uma prevalência do sexo feminino sobre o masculino na presente pesquisa, sendo 88% da amostra do sexo feminino em detrimento de 12% do sexo masculino. Esse dado corrobora a literatura que aponta uma feminização do trabalho docente, sobretudo no EB. A feminização é pensada como a ocupação de forma prevalente de mulheres em detrimento de homens nos contextos de trabalho (ANTUNES; ACCORSSI, 2019).

Os participantes desta pesquisa tiveram idades que variavam entre 24 anos e 56 anos, tendo média de 37 anos. Nesta pesquisa, buscou-se analisar os dados de participantes que estavam trabalhando há pelo menos um ano nos diferentes âmbitos de atuação, público ou privado. Houve uma prevalência dos profissionais que atuam há mais de dez anos na docência,

sendo 22% docentes que atuam entre 1 e 3 anos; 22% professores entre 4 e 6 anos de docência; 15% de 7 a 10 anos e 41% trabalham há mais de 10 anos.

A renda dos docentes analisados variou entre um e mais de cinco salários-mínimos, compreendendo o valor do ano de 2021, sendo que 29% dos participantes possuem renda entre 1 a 2 salários-mínimos; 17% recebem entre 2 a 3 salários-mínimos; 34% tem renda de 3 a 5 salários-mínimos e 20% dos docentes analisados recebem salário acima de 5 salários-mínimos. A partir deste dado, pode-se observar que não há uma discrepância tão evidente com relação à renda dos participantes.

5.4 Critérios de Inclusão e Exclusão

A SB é considerada uma resposta ao caráter persistente de agentes estressores no ambiente de trabalho, geralmente associada ao intenso relacionamento com as pessoas ao longo do tempo (CARLOTTO, 2002). Assim, por se tratar de uma consequência a longo prazo, foram considerados aptos para participar da pesquisa docentes que atuam, há pelo menos um ano, entre o primeiro e o nono do ensino fundamental ano de escolas públicas e privadas do município de São Luís, considerando a possibilidade de já haver tempo para a intensificação dos relacionamentos e surgimento das características relacionadas à SB, além do conhecimento à respeito da organização e condições de trabalho no contexto em que estão inseridos.

Não foram incluídos docentes que atuavam em outras séries do EB, por considerar outras características dos estudantes que podem contribuir para a intensificação ou não dos sintomas da Síndrome. Porquanto, de acordo com Braun e Carlotto (2014) os distintos níveis de ensino vão proporcionar diferentes atribuições aos docentes. Ademais, como critérios de exclusão estão os docentes que atuavam em escolas de tempo integral ou de educação especial, pois a carga horária integral contribui para a sensação de exaustão e o ensino especial exige, por vezes, que o docente exerça além de suas responsabilidades, a função de cuidador precisando de ainda mais esforço e empenho, o que pode configurar como um preditor da SB (BRAUN; CARLOTTO, 2014; DALAGASPERINA; MONTEIRO, 2014). Foram excluídos ainda os docentes que estavam afastados de suas atividades por motivo de doença ou que exerciam outra atividade remunerada, considerando que a possibilidade de outra fonte de renda possa contribuir para sua sobrecarga e interferir nos resultados da pesquisa.

5.5 Procedimento para coleta e análise de dados

Nesta seção serão descritos os procedimentos realizados para a coleta e análise dos dados da pesquisa. O procedimento de coleta foi composto por duas etapas e a fase de análise contou com o apoio de categorizações, por meio da Análise de Conteúdo de Bardin, que será detalhada na seção subsequente.

5.5.1 Procedimento para coleta de dados

Os quarenta e um docentes que participaram desta pesquisa foram submetidos à aplicação de formulário on-line do Maslach Burnout Inventory TM (MBI), inventário que tem como objetivo a identificação da SB. Elaborado em 1974, por Christina Maslach, Susan E. Jackson, Michael P. Leiter, Wilmar B. Schaufeli e Richard L. Schwab. O inventário é disponibilizado pela editora Mind Garden, *mindgarden.com*, que possui os direitos autorais da aplicação do instrumento e foi validado por Carlotto e Câmara (2004) numa amostra com professores brasileiros da cidade de Maringá. O inventário possui 22 assertivas e é composto por uma escala likert que varia de 0 – nunca a 6 – diariamente.

Além disso, foi realizado um questionário sociodemográfico com a finalidade de caracterização dos participantes. A escolha do método online se deu, dentre outros fatores, devido à flexibilidade de tempo e localização, além de permitir a aplicação compartilhada (SALMONS, 2015, tradução nossa) e considerando ainda a necessidade do isolamento social devido a pandemia de Covid-19.

A literatura não possui um consenso acerca dos fatores que sinalizam o diagnóstico da SB. Porém, considerando a definição de Carlotto (2003), escores elevados em Exaustão Emocional (EE) e Despersonalização (DE) e baixos escores em Realização Profissional (RP) indicam alto nível de Burnout. Assim, foram utilizados os parâmetros indicados no manual do MBI e os participantes que apresentaram escore maior ou igual a 33 após a soma dos itens que indicam exaustão emocional; resultado maior ou igual a 12 após a soma dos itens que indicam despersonalização e escore abaixo de 33 após a soma dos itens sinalizadores de baixa realização profissional foram convocados para a entrevista semiestruturada, que segundo Barros e Lehfeld (2007), possibilita uma aproximação entre o entrevistador e o entrevistado. Este procedimento foi realizado a fim de obter dados para analisar qualitativamente e realizar a correlação entre a

percepção dos docentes acerca das condições e organização do trabalho docente no âmbito público e privado e a SB.

No estudo comparativo de Lopes e Pontes (2009), o qual utilizou-se o MBI para o levantamento de sintomas da SB foram identificadas diferenças nas dimensões da síndrome entre professores de escolas públicas e privadas. No entanto, não foi possível compreender as causas das discrepâncias observadas. Considerando este aspecto observado em estudo semelhante, realizou-se uma etapa qualitativa a fim de apreender, a partir do olhar e discurso dos participantes quais poderiam ser as explicações para as possíveis divergências ou aproximações no resultado quantitativo. Esses aspectos podem ser corroborados por Alturkistani et al, (2019) quando apontam que a aplicação de diferentes métodos de coleta de dados é importante para a apreensão de informações de maneira mais precisa, além de contribuir para a consolidação da pesquisa.

Os participantes responderam o MBI, aplicado de forma virtual, por meio do formulário da Google e após a análise dos resultados, cinco participantes evidenciaram escore que indicava o desenvolvimento da SB. De posse deste resultado, foram convidados a participarem da segunda etapa e responderem as perguntas da entrevista semiestruturada (APÊNDICE A). Dentre os cinco docentes convidados, apenas quatro aceitaram participar da entrevista que foi realizada em data e horário da preferência dos participantes, também de forma virtual por meio de uma videochamada, devido a necessidade do isolamento social decorrente da pandemia de Covid-19.

5.5.2 Procedimento para análise de dados

Devido a temática discutida neste trabalho, foi realizada uma revisão bibliográfica, pois é imprescindível entrar em contato com o que já foi mencionado sobre este assunto na literatura, ademais este procedimento viabiliza uma nova discussão e compreensão acerca do problema de pesquisa, conforme explicitam Marconi e Lakatos (2003). A pesquisa bibliográfica também destacou certos conceitos investigados com base literatura da Psicologia do Trabalho, a saber: Síndrome de Burnout em professores, estresse no trabalho, adoecimento no trabalho e estratégias de enfrentamento adotadas pelos professores em situação de adoecimento.

Considerando que a compreensão da SB possui relação com a organização e as condições de trabalho, os dados obtidos foram discutidos à luz do materialismo histórico-

dialético que concebe o trabalho como uma categoria universal de análise, identificando dentre suas particularidades, os aspectos que são comuns às características das relações humanas mediadas pelo trabalho. Além disso, é fundamental a identificação das relações humanas no processo de análise de dados de pesquisa, concebendo que o homem é um ser social que contribui para a construção do seu contexto ao passo que vai sendo construído por este, numa escala de dinamismo e processualidade (PACÍFICO, 2019).

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, é primordial o entendimento acerca das características e relações presentes na realidade estudada sendo, portanto, o método materialista histórico e dialético adequado para a análise dos dados obtidos na investigação, pois segundo Bock (2007, p. 34):

[...] Só é possível compreender a sociedade e a história por meio de uma concepção materialista e dialética; ou seja, segundo a qual a história deve ser analisada a partir da realidade concreta e não a partir das ideias, buscando-se as leis que a governam (visão materialista); por sua vez, as leis da história são as leis do movimento de transformação constante, que tem por base a contradição; portanto, não são leis perenes e universais, mas são leis que se transformam; não expressam regularidade, mas contradição (visão dialética); nesse sentido, as leis que regem a sociedade e os homens não são naturais, mas históricas; não são alheias aos homens, porque são resultado de sua ação sobre a realidade (trabalho e relações sociais); mas são leis objetivas, porque estão na realidade material do trabalho e das relações sociais; entretanto, essa objetividade inclui a subjetividade porque é produzida por sujeitos concretos, que são, ao mesmo tempo, constituídos social e historicamente.

Buscou-se a apreensão do fenômeno, bem como a discussão acerca das estruturas sociais, culturais e políticas na análise da comparação entre os docentes que atuam em âmbito privado e público a fim de possibilitar maior percepção sobre os mecanismos que acarretam o desenvolvimento da SB entre docentes do ensino fundamental.

Entendendo a importância da compreensão dos sentidos e significados do trabalho para os participantes da pesquisa, na análise das entrevistas foram evidenciadas as percepções individuais dos participantes que foram analisadas de acordo com a Análise de Conteúdo de Bardin (1977). Ensejou-se compreender as respostas dos entrevistados de modo pessoal, contudo, categorizando as respostas com aspectos comuns ou que se relacionavam entre si, para que elas sejam entendidas dentro do contexto dos docentes, articulando com o objetivo da pesquisa.

Foram selecionadas três categorias em comum, a partir das falas dos participantes, a saber: Condições e Organização do Trabalho, que diz respeito à sua percepção sobre como as condições e organização do trabalho podem afetar sua saúde e contribuir para o

desenvolvimento da SB; Impacto da SB sobre o trabalho dos docentes, evidenciando as consequências dos sintomas sobre aspectos laborais dos participantes e Estratégias de defesa para os sintomas da SB, que evidenciam quais as ações os profissionais lançam mão a fim de lidar com as vivências de sofrimento decorrentes da SB. A partir da análise de conteúdo foi possível compreender acerca do contexto de trabalho, considerando a organização e condições do trabalho que impactam na saúde dos docentes, porquanto segundo Bardin (1977) este se configura como um objetivo da análise de conteúdo, visando a assimilação no que diz respeito aos aspectos psicológicos, sociais, culturais referentes ao ambiente analisado, por meio da produção dos participantes.

5.6 Considerações Éticas

Considerando a Resolução 510/2016 que trata da pesquisa envolvendo seres humanos e o ofício circular nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS, que versa sobre orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual. O presente estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Maranhão e aprovado sob a CAEE 27114019.9.0000.5087, nesse sentido, os sujeitos foram informados sobre o protocolo de aceite do comitê para a realização da pesquisa e orientados acerca de todas as etapas do estudo. Além disso, foram informados dos possíveis riscos da pesquisa, além da liberdade para participarem ou desistirem em qualquer fase da pesquisa. Todos os sujeitos que aceitarem participar da pesquisa foram devidamente informados e participaram após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – APÊNDICE B), que foi descrito antes do início da pesquisa, nas duas etapas, bem como o Termo de Compromisso do Pesquisador (APÊNDICE C).

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

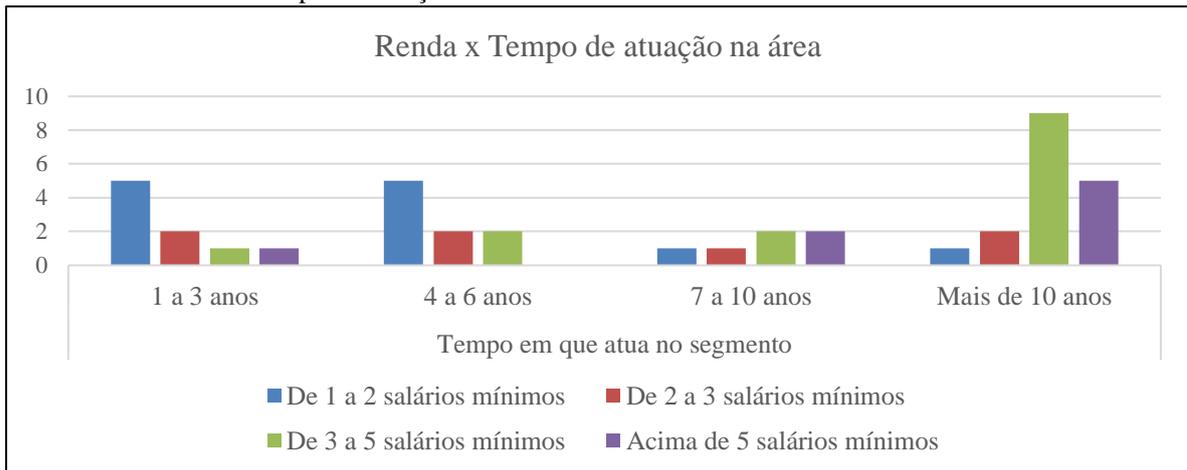
Nesta seção serão apresentados os dados colhidos no Inventário do Burnout Maslach, indicando que cinco dentre os quarenta professores analisados obtiveram resultado acima do que pode ser mediano no que se refere ao desenvolvimento da síndrome. Com esses quatro dos cinco docentes foi realizada uma entrevista semiestruturada, com vistas a adquirir uma compreensão ainda mais profunda acerca dos fenômenos que podem contribuir para o desenvolvimento da síndrome em docentes.

6.1 Resultados do Inventário

Participaram desta etapa do estudo quarenta e um docentes, sendo vinte e dois atuantes no sistema de ensino público e dezenove no ensino privado. Dentre estes profissionais, houve uma predominância do público feminino com trinta e seis participantes em detrimento de cinco participantes do sexo masculino, evidenciando o que a literatura aponta sobre a prevalência de mulheres na docência do EB (ANTUNES; ACCORSSI, 2019) e que corresponde com o achado de diferentes estudos como o de Ribeiro, Barbosa e Soares (2015), que tiveram em sua pesquisa realizada com 88 professores um percentual de 64,77% do gênero feminino, assim como o de Bispo e Aguiar (2018), que dos 60 professores analisados 83,33% também era do sexo feminino e Moreira *et al.* (2017) cuja amostra total era de 262 professores, sendo que nesta 93,89% de seu público eram professoras.

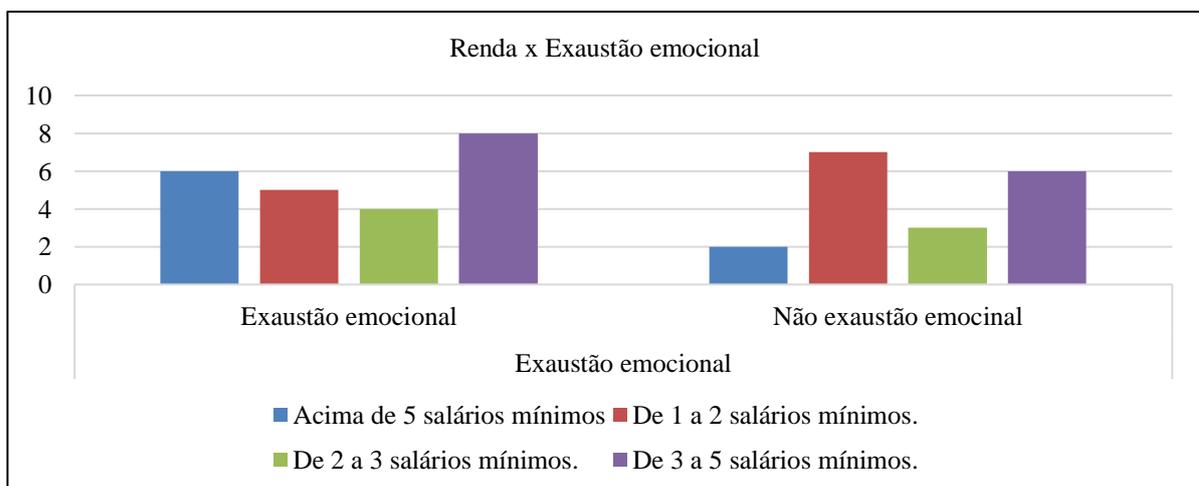
De acordo com Bispo e Aguiar (2018) e Esteves-Ferreira, Santos e Rigolon (2014) a profissão docente pode encontrar uma evidente vulnerabilidade para o desenvolvimento da SB em decorrência da sua intensa jornada de trabalho que, por sua vez, não é retribuída em termos salariais, colocando os docentes ainda mais propensos a intensas e diversas horas de trabalho para garantir sua sobrevivência. Este aspecto pode ser observado com os docentes investigados no presente estudo, pois os dados evidenciaram que é a minoria os participantes que possuem renda acima de dois salários-mínimos entre os três primeiros anos de atuação, sendo que a maioria que tem entre três e cinco salários-mínimos já atua há mais de dez anos na área, conforme evidencia o gráfico 1, a seguir.

Gráfico 1 – Renda X Tempo de Atuação



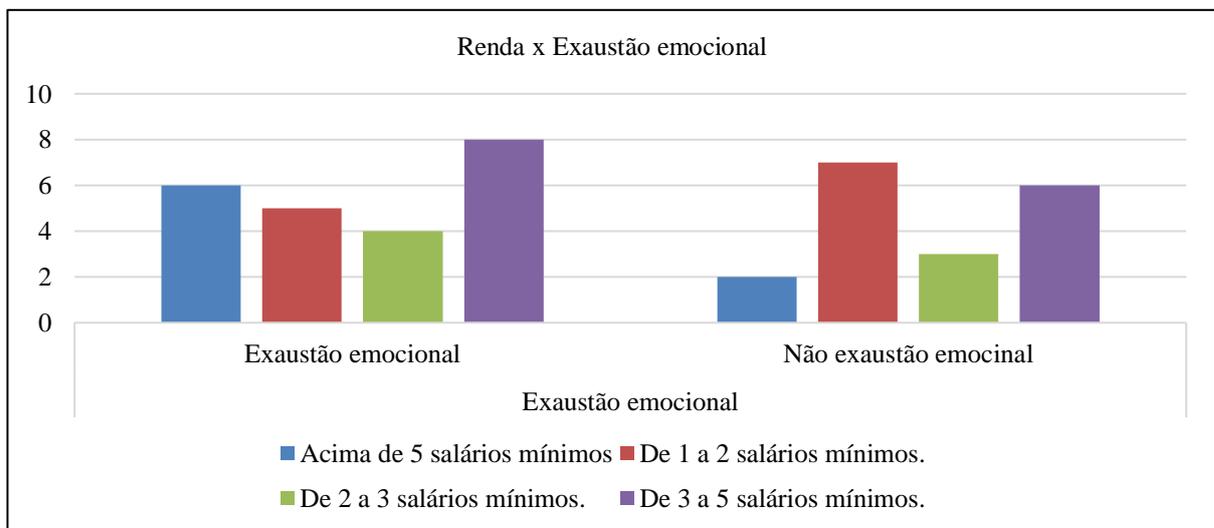
Por outro lado, um aspecto evidenciado no presente estudo e que não foi encontrado em outros achados é a maior renda por parte dos professores do ensino público, porquanto segundo Esteves-Ferreira, Santos e Rigolon (2014) e Borba et.al (2015) os docentes que atuam no segmento público podem ser mais inclinados ao desenvolvimento da SB em comparação com os docentes do ensino privado e isso se deve também aos baixos salários da categoria. Lopes e Pontes (2009) identificaram no seu estudo que o baixo salário era a segunda maior causa de dificuldade de exercício profissional do professor para 6 docentes do ensino público, enquanto esse aspecto compareceu para apenas 2 profissionais da rede particular de Maceió. Porém ao se comparar a renda da população investigada neste estudo, no gráfico 2, observa-se que há uma superioridade no que se refere ao aspecto financeiro dos docentes de ensino público em relação aos do ensino privado.

Gráfico 2 – Renda X Exaustão Emocional



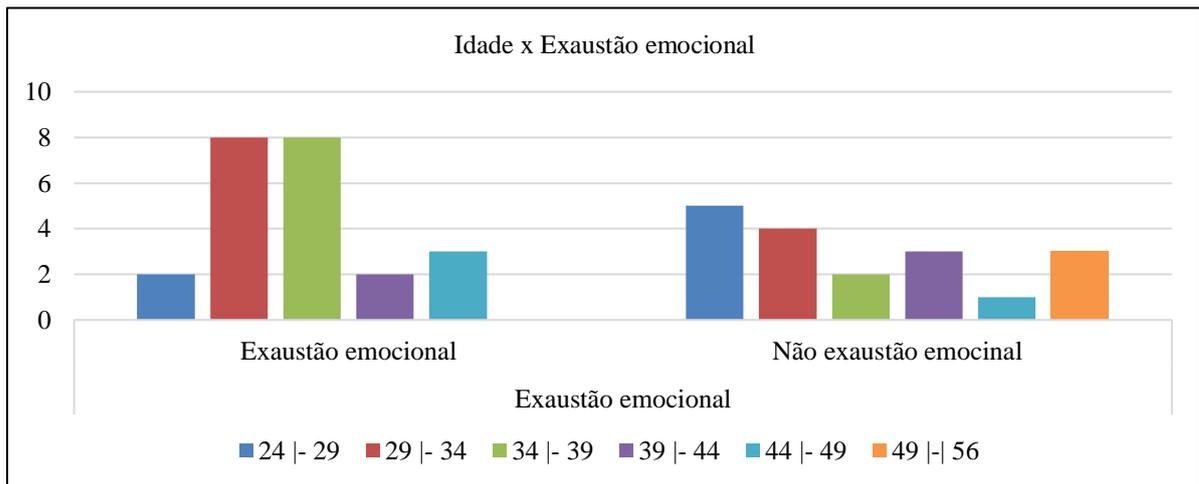
No presente estudo foi observado, conforme o gráfico 2, que a maioria dos docentes que possuem remuneração entre 3 e 5 e acima de 5 salários-mínimos evidenciou altos índices de exaustão emocional, podendo este aspecto ser correlacionado com a necessidade de se engajar em diferentes jornadas para atender a uma remuneração adequada, sinalizando sua percepção acerca da baixa remuneração ofertada, além dos expedientes cansativos de trabalho. Outrossim, para que haja diferentes jornadas de trabalho é necessário que o docente se desloque para os diversos espaços, ocasionando em maior tempo despendido para o deslocamento, levando a uma maior sobrecarga física (; BISPO; AGUIAR, 2018; BORBA *et al.*, 2015; LEVY; NUNES SOBRINHO; SOUZA, 2009).

Gráfico 3 - Renda X Exaustão Emocional



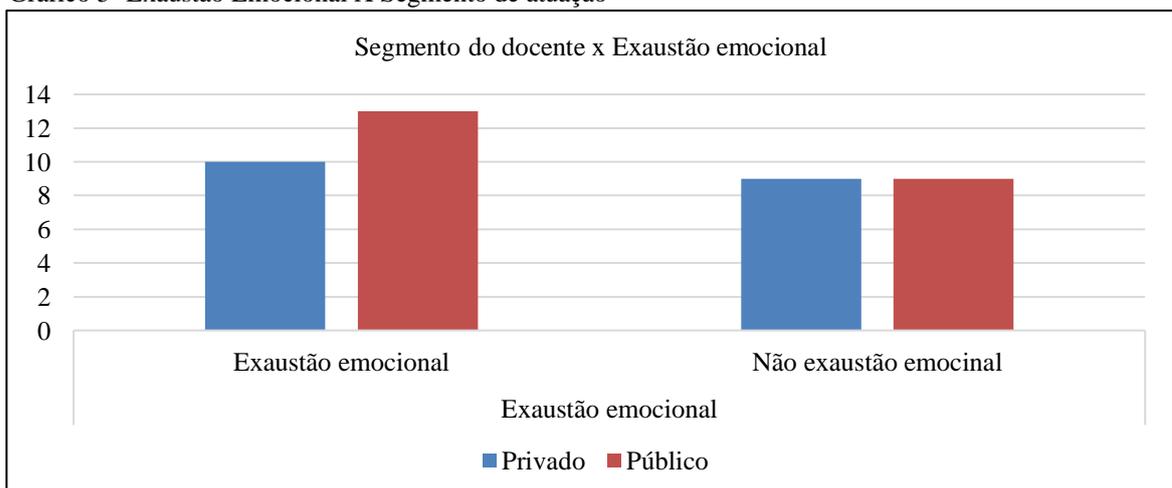
Segundo Moreira *et al.* (2017) os docentes mais jovens podem ser mais propensos ao desenvolvimento da SB, isto devido a pouca experiência e habilidades em solução de problemas ou ainda à dificuldade em lançar mão de estratégias de enfrentamento para lidar com as vivências estressoras. Tal aspecto foi observado com os participantes do presente estudo, conforme observado no gráfico 4, pois os docentes entre 29 e 39 anos foram os que evidenciaram maiores níveis de exaustão emocional. Isso pode estar relacionado a formação incipiente para lidar com as questões da atualidade ou ainda dificuldade em utilizar outros mecanismos de controle da disciplina dos alunos, para além de formas aversivas que acabam gerando consequências ainda mais danosas para a relação professor-alunos (LEVY; NUNES SOBRINHO; SOUZA, 2009).

Gráfico 4 – Idade x Exaustão Emocional



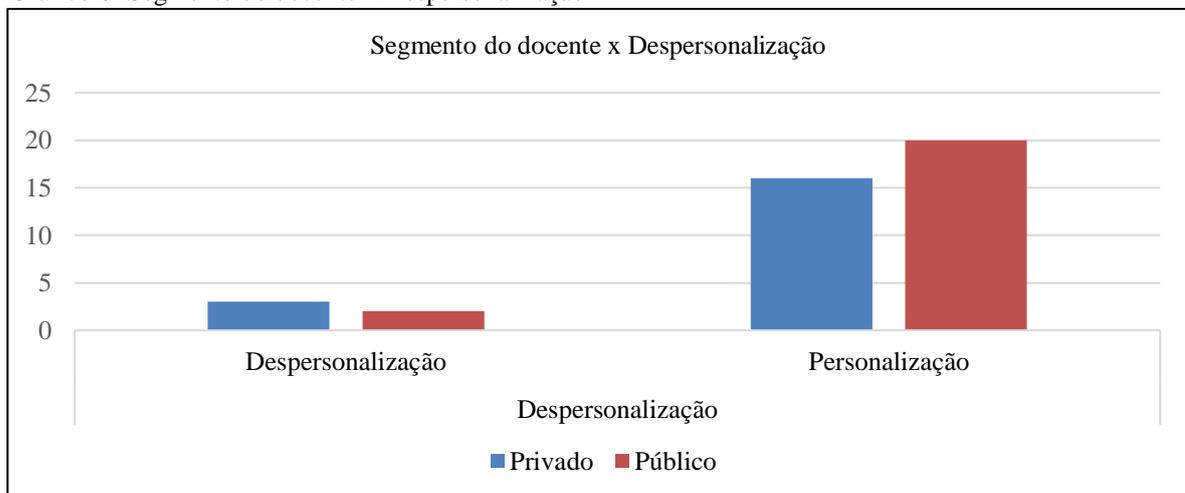
No que se refere às dimensões da SB, houve diferenças entre elas e os docentes dos diferentes segmentos. Para Carlotto (2003), a dimensão da exaustão emocional nos docentes de EB pode estar relacionada ao envolvimento com mais atividades estressoras, tais como a necessidade de executar atividades além da sala de aula e manter o relacionamento com os pais dos alunos, aspecto que não é observado em outras categorias docentes como do ensino superior, por exemplo. Segundo Borba et.al (2015), em estudos analisados foi observado que docentes de escola pública apresentaram um alto índice de exaustão emocional, bem como sentimento de baixa realização profissional. No presente trabalho pode-se observar a presença quase equilibrada da dimensão EE em relação aos docentes dos contextos público e privado, evidenciando que a sobrecarga de trabalho e cobrança social provavelmente estão presentes nas duas categorias pesquisadas, mas tendo os professores da rede pública ainda como os mais afetados pela EE, conforme ilustra o gráfico 5, a seguir.

Gráfico 5- Exaustão Emocional X Segmento de atuação



A dimensão despersonalização da SB é aquela que sinaliza comportamentos indiferentes com relação às pessoas que atende, demonstrando certo cinismo e desânimo no trato com as pessoas, além de se relacionar de forma insensível podendo tratar as pessoas como objetos (CARLOTTO, 2003). Contudo, acerca desta fase da SB é comum que os índices sejam discretos ao se comparar com os demais, pois os docentes podem se sentir menos à vontade em expor opiniões que demonstrem indiferença sobre as pessoas com quem se relacionam, porquanto os itens pertencentes a esta dimensão trazem assertivas como “Creio que trato algumas pessoas como se fossem objetos impessoais”, assim é natural que o participante não revele tais atitudes (CARLOTTO, 2003). O gráfico 6, a seguir, evidencia que este elemento também foi percebido na presente pesquisa tanto no contexto público quanto no privado. Porém, ainda foram identificados 5 docentes que apresentaram escore indicativo para despersonalização, dentre estes, 3 fazem parte do segmento privado e 2 do público.

Gráfico 6- Segmento do docente x Despersonalização



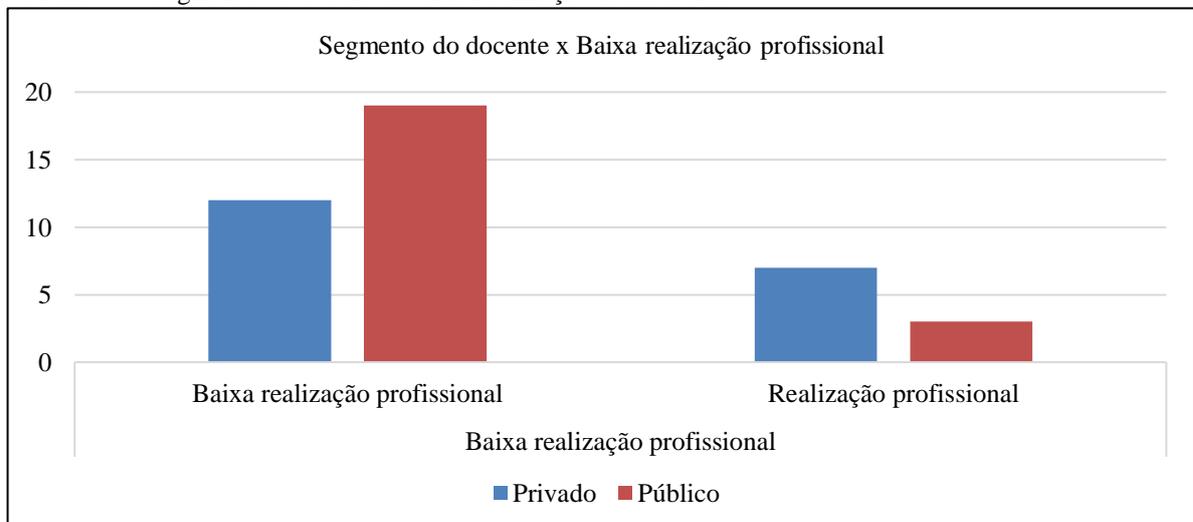
A última dimensão da SB é a baixa Realização Profissional (RP), esta foi identificada na literatura como a percepção do trabalhador acerca de sua perspectiva de futuro profissional, bem como a habilidade em lidar com problemáticas do cotidiano, identificando a possibilidade de solução de problemas e que podem interferir nos relacionamentos interpessoais (BORBA *et al.*, 2015). No presente estudo obteve-se um resultado diferente do realizado por Moreira *et al.*, (2017) no qual os docentes apresentaram resultado que indica satisfação profissional e, portanto, evidências de RP. Assim, esta etapa do estudo foi corroborada pela hipótese de Borba *et al.* (2015) de que os professores de escola pública apresentam baixa realização profissional ao se comparar com os docentes da rede particular, como indicado no gráfico 6. Isto pode estar relacionado, dentre outros aspectos, à falta de estrutura e suporte

oferecido neste contexto, conforme corroboram Morte e Deps (2015, p.63) quando apontam que:

Dentre as dificuldades podem ser destacadas: baixos salários, dupla jornada de trabalho; condições físicas e ambientais desfavoráveis (ruídos, calor, iluminação precária, mobiliário inadequado, dentre outras; [...] alunos agressivos; gestão escolar fora das expectativas e falta de reconhecimento pelo trabalho.

Nesse sentido, torna-se extremamente importante a investigação desses espaços de trabalho e análise das possibilidades de intervenção, de modo que os docentes de escola pública possam experimentar maiores experiências de satisfação e realização profissional. Pois dentre os 22 docentes de escola pública que participaram da primeira fase desta pesquisa, somente três demonstraram, a partir do MBI estarem realizados profissionalmente, conforme mostra o gráfico 7.

Gráfico 7 – Segmento do docente x baixa Realização Profissional



Além dos dados obtidos por meio do MBI aplicado com os 41 docentes que participaram desta pesquisa, realizou-se uma entrevista semiestruturada com os participantes que apresentaram dados indicativos da SB, com a finalidade de identificar de forma mais detalhada quais aspectos estariam impactando sobre a saúde destes trabalhadores.

6.2 Resultados da entrevista semiestruturada

Nesta seção serão apontados dados da literatura que clarificam a respeito da fala dos entrevistados no que tange aos elementos capazes de interferir em sua saúde, ocasionando a SB. As entrevistas foram categorizadas a partir de aspectos comuns na fala dos docentes entrevistados e que contribuiriam para a compreensão das diferentes características entre os

segmentos público e privado que podem produzir a SB. As categorias elencadas estão a seguir.

6.2.1 Condições e Organização do Trabalho

Com relação aos aspectos relacionados às condições e organização do trabalho, pode-se mencionar elementos associados tanto aos fatores estruturais do ambiente de trabalho, tais como os recursos disponibilizados para a realização das aulas, bem como o suporte para o desenvolvimento das demais tarefas às quais os docentes são incumbidos. Acerca da organização de trabalho, refere-se ao contexto no qual as pessoas interagem de maneira formal, de acordo com as hierarquias que são firmadas no âmbito de trabalho ou informal, por meio das relações que ocorrem de maneira natural e que não envolvem necessariamente as hierarquias com o intuito de alcançar objetivos estabelecidos previamente.

Nesse sentido, a experiência com as organizações e condições de trabalho torna-se muito distinta para docentes dos contextos público e privado. Pois embora os docentes de ambos os segmentos se envolvam com muitas demandas altamente estressoras com o propósito de alcançar uma renda que garanta certo padrão e qualidade de vida, conforme apontado por Pocinho e Perestrelo (2011) em estudo realizado no qual os docentes sinalizaram perceber a docência como uma atividade predominantemente estressora, os espaços de trabalho podem ser deveras diversos.

Segundo Morte e Deps (2015) os docentes de escola pública vivenciam situações voltadas à indisciplina dos alunos, bem como a falta de estrutura oferecida pelo Estado para o desenvolvimento de suas tarefas. As falas dos entrevistados advindos da atuação em escola pública exemplificam como as condições de trabalho neste âmbito podem prejudicar a realização do trabalho, bem como a satisfação dos docentes ao executar sua atividade.

[...] Os insumos que eu utilizo de qualidade são os que eu adquiero então se depender do ambiente de trabalho esses insumos não são fornecidos. Os poucos fornecidos são de má qualidade ou restritos, a minha estratégia para conseguir ter acesso a esses melhores insumos que a instituição oferece é fazer amizade com as pessoas de lá para poder ter acesso livre. Então eu utilizo essa estratégia para ter acesso sem precisar tirar do meu bolso, mas no geral são ferramentas péssimas. [...] Eu tive que pegar os aparelhos e levar numa assistência técnica para ajeitarem, acho que um deles conseguimos consertar e sem contar com as condições em sala de aula que são quentes e a infraestrutura tem infiltração, sem privacidade, a escola que tem banheiro e sala para professores tem mofo e armários caindo, os banheiros masculinos não têm água e água filtrada eu não confio para utilizar. É um caos (PARTICIPANTE H).

As outras duas são escolas comunitárias na periferia de São Luís, na Avenida Brasil,

uma escola muito precária em relação a estrutura física, nós não temos ventilação, a escola é escura, não temos espaço para as crianças brincarem, nós temos uma coordenadora que tenta nos auxiliar, ela não pode fazer muita coisa. As crianças são muito carentes, então eu considero esse ambiente precário (PARTICIPANTE I).

Torna-se imprescindível considerar o quanto estes aspectos impactam diretamente na satisfação dos docentes, porquanto de acordo com Morte e Deps (2015, p.68) “as condições ambientais da escola e da própria sala de aula interferem no bem estar do professor. [...] Outra questão destacada são as condições térmicas da sala de aula, que podem afetar diretamente a atenção e a memória, tanto dos alunos quanto do professor”. Isto é, não há prejuízo somente para o docente nesse tipo de contexto, mas todos acabam sendo afetados. Ademais, pode contribuir para a diminuição do entusiasmo no contexto das escolas públicas, ocasionada dentre outros fatores, pela falta de estrutura adequada de trabalho, além de serem desencadeantes do estresse e consequente SB (ESTEVEZ-FERREIRA; SANTOS; RIGOLON, 2014; POCINHO; PERESTRELO, 2014).

Essa realidade é distinta ao se comparar com a estrutura física das escolas privadas analisadas por meio dos participantes deste estudo. Porém, dadas as devidas proporções, não há como garantir que uma escola privada possibilitará os recursos que o docente necessita para cumprir com sua demanda de trabalho. Colocação que pode ser corroborada pela fala do participante M, advindo de escola privada:

[...] Leciono a disciplina de artes, é uma disciplina que tem como cerne a experiência e vivência do aluno com a linguagem artística, então a gente precisa de algumas coisas na sala de aula, que são complicadas e muitas vezes não são oferecidas. Nas duas escolas que eu trabalho, eu não tenho uma sala específica para trabalhar a disciplina, tenho que trabalhar na sala comum, o que se torna complicado, já que tem que ficar levando e trazendo material, tem que se adaptar à sala e seria mais fácil se eu tivesse uma sala específica para trabalhar e tivesse lá tudo disponível, é uma questão relacionada a disciplina.

Diehl e Carlotto (2014) e Sinott *et al.* (2014) colocam que a SB também pode ser desencadeada quando as organizações não propiciam os recursos necessários ao passo que permanecem com as mesmas mesmas exigências para o docente, provocando um desequilíbrio nesta relação entre cobrança e recursos e gerando prejuízos para os docentes como vivências de sofrimento.

A experiência de outra participante de escola privada evidencia suporte bastante relevante no que se refere à estrutura, escancarando as desigualdades entre as escolas privadas, mas especialmente quando comparada ao contexto público:

Sobre esse aspecto físico a escola é impecável, em relação aos recursos, ao material didático, em relação ao espaço físico é uma escola voltada para um público de condição financeira bem maior. Lá estão filhos de médicos, advogados, políticos, então é uma escola que em relação a essa questão do material é boa. Quando a gente precisava de um certo material nós anotávamos todos e em questão de horas já estava em nossa mão, então é uma escola que trabalha com questão robótica e os alunos são bastante amparados em relação a isso. Em relação a questão de matérias, o trabalho metodológico foi muito bem (PARTICIPANTE N).

Ao se tratar sobre a organização, de acordo com Morte e Deps (2015) e Pocinho e Perestrelo (2014), elementos como más relações no trabalho, falta de suporte da gestão, relação desgastada entre professores e alunos são variáveis da organização de trabalho que podem contribuir para o desenvolvimento da SB. Este aspecto das escolas avaliadas não foi identificado na fala dos participantes deste estudo, pois embora nem todos tivessem os recursos necessários para a realização de suas tarefas, no que tange à distribuição das atividades, suporte oferecido pela gestão, bem como relacionamento com os colegas de trabalho e alunos, foi evidenciado certo nível de equilíbrio com relação à organização laboral dos participantes, conforme suas colocações.

Quanto a isso, as minhas relações sempre foram muito positivas com coordenadoras, colegas de turma, como eu atuava em uma escola que tinha a professora de sala e eu entrava para dar horários, eu não coordenava uma sala, mas dava aula em todas as turmas (PARTICIPANTE N).

Na primeira escola eu tenho uma boa relação com a coordenação e na segunda escola ainda não tive nenhum problema diretamente com ela, apesar de ela exigir muito mais do que a primeira escola que eu trabalho (PARTICIPANTE M).

Eu prezo muito por uma relação absolutamente profissional no trabalho, na maioria dos lugares onde eu atuo. Existe uma escola em específico onde eu tenho uma relação um pouco mais próxima com as pessoas por causa da nossa história juntos então acabou que a gente tem essa proximidade mas, no geral, eu tento manter esse distanciamento tipo, não pergunte sobre a minha vida, não tenho interesse de falar para você sobre a minha vida pessoal, não venha me questionar sobre a minha vida pessoal que eu não vou falar, poucas pessoas eu seleciono para serem confidentes para coisas que acontecem no trabalho então é uma pessoa que eu confio, que eu posso ser sincero para a pessoa que compartilha da mesma ideia que eu (PARTICIPANTE H).

Tal achado vai ao encontro do estudo de Bispo e Aguiar (2018) que identificaram certo nível de harmonia no ambiente de trabalho dos participantes analisados, evidenciando que apesar dos aspectos adoecedores, havia uma percepção de coesão no contexto laboral dos docentes, elementos que podem ser considerados protetores da saúde mental.

Apesar da relação equilibrada entre os docentes e demais atores do contexto escolar, as altas demandas e conseqüente sobrecarga de trabalho advindas da organização, que exige dos professores tempo disponível, bem como atividades que fogem de sua alçada, como

planejar eventos, elaborar documentos e planilhas de controle, dentre outros ainda se configuram como elementos preditores da SB (DAGALASPERINA; MONTEIRO, 2014) Tais fatores foram observadas especialmente na fala de dois participantes deste estudo, sendo os dois representantes de ambos os segmentos.

[...]Então, eu tinha que dar 33 horários por semana e ainda tinha reuniões aos sábado, contava mais ou menos 44 horas semanais no meu registro de trabalho. Vivenciar isso com a chefia, com os coordenadores que exigiam de nós um trabalho realmente muito perfeito, existia um perfeccionismo muito grande de todas as partes, dos pais pois há uma cobrança dos pais enorme para um trabalho de qualidade, se paga bem uma escola claro que eles vão exigir um trabalho de qualidade. Se os pais cobram, o coordenador também é cobrado, pelo chefe, pelos donos, então há uma relação de pressão em ambas as partes, mas isso não quer dizer que meu relacionamento ficava comprometido, realmente eu levo muito a sério o meu trabalho, sou muito organizada com as atividades, sempre tive muita facilidade em cumprir prazos e isso acaba provocando um adoecimento (PARTICIPANTE N).

Eu trabalho em três escolas, eu tenho uma carga horária de quarenta horas semanais, então essas quarenta horas são divididas em três escolas nos dois turnos, matutino e vespertino (PARTICIPANTE I).

Segundo Esteves-Ferreira, Santos e Rigolon (2014) esta intensidade de trabalho pode gerar diferentes repercussões para os docentes, como o próprio desenvolvimento da SB, mas também impactos no planejamento das aulas e qualidade das atividades ministradas, implicando no processo ensino-aprendizagem. O que também pode ser percebido com a inserção de diferentes tecnologias e metodologias de ensino, as quais o docente precisa aprender para aplicar em sala de aula, sendo recorrente também a utilização de novas metodologias, quando nem as anteriores foram ainda aprendidas. Este aspecto foi colocado pelo participante N, que atua em escola privada, quando ele sinaliza que

Um professor chegar na sala de aula e só escrever no quadro e falar já não é tão interessante para o aluno, eles têm contato com YouTube, vídeos, filmes e séries, celulares, tablets, então meio que para eles isso não é novidade. Então esses recursos são fundamentais, o que facilita o trabalho do professor e torna a aula mais dinâmica e faz com que a gente consiga por em prática as metodologias ativas, eu acho que o lado positivo são inúmeros, porém os lados negativos são: até que ponto o professor está preparado para manusear essas tecnologias? Até que ponto o professor tem conhecimento do que está fazendo? Até que ponto aquilo não parte apenas de uma exigência da escola para que fique um trabalho bonito para a rede social, para o Instagram? Mas até que ponto aquilo que está sendo utilizado realmente causa um impacto positivo na vida do aluno? E até que ponto realmente modifica a perspectiva do aluno em relação a vida? Até que ponto aquilo colabora para a aprendizagem? (PARTICIPANTE N).

Segundo Silva *et al.* (2017), os aspectos mencionados pelos participantes como ausência de infraestrutura de qualidade, excesso na jornada de trabalho e a possibilidade de assumir outras responsabilidades além da sua, são geradoras de estresse e contribuem para a

vivência da dimensão da despersonalização da SB. Assim, é importante observar sob quais condições estruturais e de organização de trabalho o docente dos diferentes contextos está submetido, pois a partir das falas e literatura apresentadas, foi possível analisar que os diferentes âmbitos contribuem para o desenvolvimento da SB, seja no que tange as condições estruturais, muito mais presentes no setor público ou no que diz respeito à organização e pressões para um trabalho de excelência, haja vista ser o ensino pensado como uma mercadoria, que deve possuir objetivos tangíveis e mensuráveis (BORBA *et al.*, 2015), elemento verificado com maior intensidade no contexto privado, a partir das colocações dos participantes entrevistados.

6.2.2 Impactos da Síndrome de Burnout sobre o trabalho dos docentes

Como consequências da SB pode-se observar repercussões para os trabalhadores acometidos por esta síndrome, que vão desde sintomas físicos como dores em diferentes partes do corpo, com prevalência para dores de garganta, coluna, cabeça, passando também por sintomas psicológicos, como sentimentos de solidão, isolamento, insuficiência no seu trabalho, além de efeitos ao sistema imunológico, podendo contribuir para o desenvolvimento de outras doenças (MOREIRA *et al.*, 2017; MORTE; DEPS, 2015). Os participantes desta pesquisa sinalizaram a presença de alguns destes e de outros sintomas característicos da SB, corroborando portanto o quanto podem ser impactantes para a consecução do trabalho docente.

[...]Eu realmente passei a sentir isso, desânimo, desconforto, insônia, dificuldade pra dormir devido as preocupações em relação ao outro dia, em ter que realmente estar acordada pra chegar no trabalho pontualmente, como eu ressaltai, na tentativa também de desenvolver um trabalho de qualidade (PARTICIPANTE N).

[...] Eu tinha tremelique no meu rosto, eu me sentia muito cansado e estressado e eu me sentia desanimado de ir pra lá, eu pensava em ir para aquele lugar e eu já sentia taquicardia (PARTICIPANTE H).

[...]Interfere na vontade de ir trabalhar, você fica ansioso e estressado com a ideia de ir no cansaço (PARTICIPANTE M).

Além dessas complicações para o docente, a SB também atinge o ambiente escolar, impactando nos propósitos que foram delimitados para a realização das atividades, gerando práticas como o absenteísmo e até mesmo o interesse em abandonar a profissão, bem como a sensação de esgotamento e a perda de energia e entusiasmo (DIEHL; CARLOTTO, 2015; MORTE; DEPS, 2015; POCINHO; PERESTRELO, 2011). Esta colocação é corroborada por Bispo e Aguiar (2018, p.12), quando apontam que:

Os professores que desenvolvem a Síndrome de Burnout podem apresentar os

seguintes sinais: aumento do absenteísmo, perda do entusiasmo e da criatividade, distanciamento dos alunos (redução da empatia), predisposição para o sentimento de frustração diante de problemas ocorridos em sala de aula ou pelo progresso dos alunos, desenvolvimento de sentimentos hostis em relação a administradores e familiares de alunos, desenvolvimento de percepção autodepreciativa e, ainda, arrependimento relacionado à escolha da profissão.

Isto compareceu na fala de um dos entrevistados, que é docente de escola privada, sinalizando questões apontadas por Esteves-Ferreira, Santos e Rigolon (2014) que contribuem para o pensamento de afastamento deste contexto de trabalho.

Não sei se encaixaria, mas do ano passado pra cá eu tenho pensado muito na minha relação com a profissão, se valeria a pena continuar. Ser professor na rede particular te dá menos perspectiva que ser um professor concursado [...] eu tenho pensado se ainda vale a pena, não sei se é somente peso ou se é a síndrome, eu penso nessas questões, pensando se compensa todo o desgaste físico e mental, já que ser professor é uma profissão que você sente que nem sempre tem retorno (PARTICIPANTE M).

Os comportamentos e emoções citados são deveras prejudiciais para o andamento da relação entre o docente e a comunidade na qual está inserido tendo especial impacto para a relação com os estudantes, que pode ser mais afetada pela ausência da percepção de utilidade do seu trabalho por parte dos alunos, haja vista esse processo relacional ser muitas vezes o motivo da escolha desta profissão pelo professor. Nesse sentido, se esta conexão for afetada, além de considerar o impacto sobre o processo ensino-aprendizagem, também contribui para a experimentação dos sintomas da SB (DAGALASPERINA; MONTEIRO, 2014; DIEHL; CARLOTTO, 2014). Um aspecto que levanta preocupação é quando esses sintomas trazem prejuízos para a vida dos docentes, de modo que passa a interferir no processo educacional e também fora do âmbito de trabalho. Outrossim, esse tipo de sentimento pode acarretar outras comorbidades, como a depressão (SILVA; BOLSONI-SILVA; LOUREIRO, 2018). Isto foi apresentado como preditor na fala de alguns participantes entrevistados.

[...]Você se força a estar lá, já que não pode faltar. Como eu citei, eu não fui afastada, mas eu continuei trabalhando e dando o meu melhor, quando já estava me faltando força e energia e eu sabia que o meu desgaste estava enorme, e eu acho que isso afeta diretamente o seu trabalho dentro da sala de aula (PARTICIPANTE N).

[...]Atrapalha na criatividade e na relação com as pessoas pois o ambiente se torna tão cansativo que até da voz das pessoas você cansa, tem gente que eu não aguento olhar para a cara da pessoa, aquela pessoa que é acostumada a soltar alguma piada com algo que você fez ou alguém que faz exigências que ela mesma sabe que não teria a condição de cumprir, eu acho assim uma hipocrisia tão grande que eu não consigo olhar assim pra cara da pessoa, então existem pessoas que eu não consigo ouvir a voz, se tem o áudio de uma pessoa no grupo eu não abro, eu leio um texto que a pessoa escreveu, eu consigo visualizar a pessoa falando e eu já fico com raiva, então afeta (PARTICIPANTE H).

Impaciência, eu fico impaciente, às vezes o barulho de sala de aula do colégio meio que irrita, eu sei que é normal o barulho e aluno indisciplinado tira a paciência também, e quem me conhece sabe que eu não tenho muita, apesar de tentar porque a gente tem que ter, dá vontade até de fugir, preferir o silêncio (PARTICIPANTE I).

Apesar dos participantes entrevistados neste estudo terem evidenciado escores indicativos para Exaustão Emocional e Despersonalização e baixos em Realização Profissional, a postura de distanciamento, indiferença e cinismo característica da EE e DP não foi observada em suas falas, sugerindo que embora o profissional esteja em processo de adoecimento pode compreender suas responsabilidades cumpri-las apesar da vivência de sofrimento (DIEHL; CARLOTTO, 2014).

Com aluno não, a não ser que seja relacionada com a questão comportamental em sala de aula, mas no geral dentro da sala de aula, eu tento não transparecer qualquer coisa do tipo, alunos desatentos ou que dão resposta e isso gera um estresse, mas agir conforme o estresse, não (PARTICIPANTE M).

Mesmo com todos esses sintomas que eu tinha citado, eu sempre estive focada em fazer um trabalho de qualidade, mesmo com todas essas fragilidades que fazem parte do ser humano, as limitações, eu fazia mais, mais do que podia, eu ficava com todos esses sintomas de cansaço, de estresse, de muitas vezes pensar em deixar, pra me recuperar, mas eu nunca deixei que isso me afetasse no sentido de não dar minha aula, não planejar, elaborar as provas ou fazer um trabalho de qualidade, eu acho que nem todo mundo tem essa capacidade e consegue fazer isso, como eu ressaltai, você fica tão estressado, pode acabar tratando mal os colegas, mas apesar disso eu sempre tive o cuidado de não deixar isso afetar dentro da sala ou as relações (PARTICIPANTE N).

Olha, tem professor que trata aluno como se fosse um lixo, é uma tristeza. A gente quer entender a posição da pessoa, mas sabe que é exagerado, sabe que aquilo não é ético. Sempre que fala do aluno como se fosse um negócio que parece um monstro, então essa relação do professor com o aluno quando o professor está nesse estágio de odiar estar naquele lugar, o aluno, é a pior coisa que pode ter no caminho do professor (PARTICIPANTE H).

Deve-se ressaltar o quanto os docentes entrevistados têm buscado lidar com os sintomas ocasionados pela SB e que a partir de suas falas, embora não parecesse ser uma atividade simples, pois estavam adoecidos, conseguiam realizar suas atividades de modo ético e responsável.

6.2.3 Estratégias de defesa para os sintomas da Síndrome de Burnout

Quando o adoecimento pela SB está instaurado os docentes experienciam sinais e sintomas desconfortáveis e desprazerosos, sendo estes sintomas experienciados de modo individual. Contudo, é mister destacar que embora isso aconteça, não se pode individualizar o adoecimento, eliminando as causas externas e considerando como responsabilidade e até mesmo culpa deste trabalhador. Cabe refletir sobre os contextos, levando em consideração

todos os processos oriundos da prática escolar, indo de encontro a uma lógica individualista do adoecimento (PENTEADO; SOUZA, 2019).

Embora haja a necessidade de compreensão da doença a partir também de um viés macro e coletivo, é muito recorrente que os docentes utilizem estratégias individuais para lidar com as situações estressoras e de sofrimento do ambiente laboral. Segundo Morte e Deps (2015), é importante que os professores busquem, por meio de suas experiências pregressas, mecanismos para lidar com a desarmonia em sala de aula, além de se envolver de forma mais colaborativa com seus pares a fim de obterem suporte emocional para as demandas observadas no trabalho. De acordo com Pocinho e Perestrelo (2011), tais estratégias deixam de ser práticas ocorridas naturalmente para se tornarem comportamentos racionais no enfrentamento do sofrimento ocasionado pela SB. Pode-se destacar algumas falas dos participantes que corroboram acerca dessa percepção da necessidade de resistir diante dos sintomas.

Então fui buscando estratégias para poder enfrentar aquilo de forma que fosse saudável, e aí eu encontrei ferramentas que fossem boas pra mim, eu também comecei a buscar outras coisas que fossem assim mais, autocentradas assim, pra começar a pensar mais em mim em vez de ficar pensando tanto naquilo o tempo todo, porque eu ficava na hora de dormir pensando nos alunos conversando, no que eu ia dizer pra eles, como é que eu ia dar aquele feedback para aquele aluno, como era que aquela atividade, se o aluno iria entender aquela atividade, eu ficava ouvindo os alunos o tempo inteiro, e na hora de dormir, a escola tem tanto barulho, que eu ficava ouvindo aquilo, então eu comecei a buscar atividades que fossem mais auto centradas, coisas para eu me preocupar comigo, foi quando eu fiz terapia, acupuntura, fui fazer massagem, fazer atividade física, coisas onde eu ficasse mais tempo sozinho pensando em mim (PARTICIPANTE H).

Eu acho que aí vem um pouco do autoconhecimento, no sentido de entender os seus limites, até onde você pode ir, então pra lidar com isso eu passei a cortar outras atividades, passei a dizer não pra outros momentos de dar aula em final de semana, comecei a me poupar, pra lidar com isso, eu comecei a fazer atividades no final de semana, coisas que eu gostava, assistir uma série, um vídeo, eu passei a me dar coisas que faziam eu me desligar um pouco daquela realidade do trabalho. Outra coisa que eu desenvolvi foi dormir bastante, quando chegava um sábado sem reunião, eu descansava o dia inteiro, mesmo que eu tivesse que abrir mão de sair, comer fora, praia, que acabava se tornando mais cansativo pra mim, então eu passei a viver pelo trabalho e o tempo livre era minha forma de descansar e recompor as minhas energias, tem pessoas que preferem sair, no meu caso não, no meu caso para não enlouquecer, pirar, eu tinha que me dedicar pra mim mesma e descansar (PARTICIPANTE N).

As diferentes formas de enfrentamento contribuem para a resistência do professor neste ambiente tão estressor, contudo podem dificultar a percepção de que o problema do adoecimento é amplo e não está relacionado exclusivamente a características individuais, conforme pontuam Diehl e Carlotto (2014, p.749):

É importante destacar que estratégias de intervenção centradas no indivíduo são importantes, pois aumentam e qualificam os recursos pessoais do trabalhador; no

entanto trazem limitações, pois podem mascarar o problema em razão do consenso de que Burnout tem suas raízes na organização do trabalho (Moriania-Elvira & Herruzo-Cabrera 2004). Carlotto e Gobbi (1999) também advertem quanto às consequências de intervenções unicamente voltadas ao trabalhador, pois podem reforçar seu sentimento de fracasso, isolamento e baixa autoestima.

Assim, é fundamental ter uma visão complexa entendendo a SB como um fenômeno multivariado e que deve possuir diferentes frentes para seu enfrentamento e intervenção. Segundo Sinott *et al.* (2014), o apoio familiar e o suporte social podem funcionar como importantes ferramentas para lidar com a SB. Outrossim, o próprio apoio promovido pelos pares no ambiente de trabalho gera novas possibilidades de percepção do contexto laboral, contribuindo para a resolução de dificuldades relacionadas ao estresse e aumentando a realização profissional (MAGALHÃES *et al.*, 2021). Para Diehl e Carlotto é necessário entender os fatores pessoais que podem gerar a SB, além de inserir uma análise dos aspectos organizacionais, sociais e governamentais, capazes de afetar o docente, para que assim seja possível uma intervenção adequada. Nesse sentido, destaca-se a importância do docente identificar seu processo de adoecimento, para que consiga lançar mão de estratégias capazes de minimizar seu sofrimento, bem como a necessidade das instituições se mobilizarem a fim de reduzir os efeitos do ambiente de trabalho para a saúde física e psicológica destes profissionais

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho contribuiu para a compreensão do percurso do EB, além dos impactos do adoecimento sobre os trabalhadores como um todo, para enfim identificar como a SB afeta os docentes e quais as características que prevalecem nos diferentes âmbitos de atuação, sejam eles públicos ou privados. Salienta-se que o EB no Brasil foi estabelecido a partir de uma perspectiva que priorizou o ensino para a elite em detrimento do resto da população e mesmo tendo sido promulgadas leis que garantam o acesso à educação e o cuidado com a equipe pedagógica de modo geral, a História evidencia que a prática se deu de forma muito distinta entre os âmbitos público e privado e isso repercutiu sobre a vida dos trabalhadores destes contextos de formas diversas, pois enquanto docentes de escola privada afirmam ter o desejo de sair da área, pois não recebem a devida valorização em termos salariais, professores de escolas públicas precisam lidar diariamente com a falta de estrutura física para realizar suas atividades.

Dentre as características da docência no EB destaca-se a relação com as fases da infância e contato com a adolescência dos alunos, que exige do professor muitas competências,

pois estas são fases que necessitam de suporte para seu desenvolvimento e transição. Ademais, aponta-se a responsabilidade em planejar atividades que sejam atrativas para essa fase e ainda lidar com outras demandas advindas do âmbito escolar, sobretudo com a inserção de novas tecnologias. Ou seja, os docentes precisam preparar planilhas, fazer controle de atividades com os alunos, aprender a manusear novas tecnologias, gerando desgaste e a necessidade de utilizar o que seria seu tempo livre para executar tais tarefas.

É mister salientar ainda que a carga horária do docente do EB costuma ser intensa, devido aos baixos salários, fazendo com que se desdobrem em muitas jornadas de trabalho, especialmente as mulheres que ainda se deparam com demandas domésticas. Como atributos da prática docente neste segmento, tem-se o contato com a família dos estudantes e comunidade escolar, requerendo ainda mais do docente em termos de cobranças, visto que é imprescindível a presença da família para o bom andamento do processo de ensino, contudo essa aproximação, por vezes se torna negativa para a categoria docente devido as exigências e apresentação de dificuldades de ordem que fogem da alçada do professor, causando inquietação e esgotamento emocional.

A partir deste estudo pode-se comparar os diferentes efeitos da SB sobre os docentes, indicando que os professores da rede pública estão mais exaustos emocionalmente conforme a aplicação do MBI, ao passo que os docentes da rede privada apresentaram maior Despersonalização, embora esta tenha sido uma das dimensões que evidenciou menos trabalhadores acometidos. Já ao se tratar acerca da baixa Realização Profissional os docentes de escola pública apresentaram maior percentual ao se comparar com os professores da rede privada, sendo que somente 3 professores do ensino público mostraram estar realizados profissionalmente. Este dado é deveras preocupante, pois a experiência de satisfação é extremamente importante para o desenvolvimento de um trabalho de qualidade, bem como para a manutenção da saúde mental do trabalhador.

Os objetivos elencados nesta pesquisa foram alcançados, pois foi possível identificar quais as condições e organização do trabalho impactam no desenvolvimento da SB, sendo as questões estruturais aspectos mais relevantes para os docentes do contexto público, enquanto as exigências e pressões, além da falta de valorização, elementos que se fizeram presentes na fala dos docentes de escolas privadas. Pode-se concluir que os docentes ao perceberem a possibilidade do adoecimento, utilizaram estratégias que visaram minimizar os efeitos da SB, como psicoterapia e buscar descansar em todo o tempo disponível. Outrossim,

foi possível analisar que os docentes participantes deste estudo apresentaram sintomas da SB que afetaram sua relação no trabalho, mantendo-se afastados de outros colegas ou até mesmo dos alunos, porém mesmo em meio à vivência de sofrimento decorrente dos sintomas da SB mantiveram sua prática com qualidade e responsabilidade, aspecto que não é recorrente diante de uma síndrome que afeta sobretudo a relação com o indivíduo que necessita do serviço prestado.

A partir dos resultados obtidos nesta pesquisa pode-se inferir a urgência de serviços de saúde que possam atender os trabalhadores da educação, visto esta área ser tão importante para a formação da sociedade e que, além disso, a escola como organização de trabalho passe a se responsabilizar pela saúde, inclusive mental de seus docentes, promovendo ações que sejam efetivas na prevenção e redução dos adoecimentos.

Pode-se concluir que a experiência da SB traz muitos impactos para a vida do trabalhador, acima de tudo para o docente que precisa lidar com muitas demandas. Apesar das particularidades de cada âmbito de atuação, neste estudo em pouco se diferiu a repercussão do adoecimento entre os participantes entrevistados, corroborando Carlotto (2003), quando coloca que a SB pode ter mais relação com a própria prática docente do que com o segmento no qual atua. Nesse sentido, o ideal seria promover escolas que focassem mais na saúde e cuidado com seus trabalhadores.

REFERÊNCIAS

- ACHKAR, Ana Maria Nunes El; *et al.* Correlações entre Habilidades Sociais Educativas dos Professores, Burnout e Relação Professor-Aluno. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, [S.L.], v. 16, n. 3, p. 873-891, 15 mar. 2018.
- AKKARI, Abdeljalil J. DESIGUALDADES EDUCATIVAS ESTRUTURAIS NO BRASIL: entre estado, privatização e descentralização. **Educação e Sociedade**, s.l., v. 1, n. 74, p. 163-189, abr. 2001.
- ALTURKISTANI, Abrar *et al.* **Data Collection Approaches to Enable Evaluation of a Massive Open Online Course About Data Science for Continuing Education in Health Care: Case Study.** *Med Educ*, Oxford, v. 1, n. 5, p.1-8, fev. 2019.
- ALVES, Alvaro Marcel. O método materialista histórico-dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade. **Revista de Psicologia da Unesp**, v. 9, n. 1, p. 1- 13, set. 2010.
- ALVES, Natália Cristina Ribeiro. **A construção sociopolítica dos Transtornos Mentais e do Comportamento Relacionados ao Trabalho.** 2015. 495 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- ANTUNES, Ricardo; PRAUN, Luci. A sociedade dos adoecimentos no trabalho. In: ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital.** 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2020. p. 141-156.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 10. ed. Campinas: Cortez, 2005.
- ANTUNES, Lauren; ACCORSSI, Aline. Relações de gênero e a feminização da profissão docente: reflexões sobre a divisão sexual do trabalho. **Revista de Educação, Ciência e Cultura**, Canoas, v. 24, n. 3, p. 49-60, jan. 2019.
- ARANTES, Maria Auxiliadora de Almeida Cunha; VIEIRA, Maria José Femenias. **Estresse.** Itatiba: Casa do Psicólogo, 2010.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 1977.
- BARLOW, D. H. (Org.). **Manual clínico dos transtornos psicológicos: tratamento passo a passo.** 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2016. 783 p.
- BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- BATISTA, Jaqueline Brito Vidal *et al.* Prevalência da Síndrome de Burnout e fatores sociodemográficos e laborais em professores de escolas municipais da cidade de João Pessoa, PB. **Rev. bras. epidemiol.**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 502-512, Set. 2010.
- BIONDO, Carla Cristina; CARDOSO, Jorge Manoel Mendes. Síndrome de Burnout: reflexões sobre o contexto de trabalho docente na educação infantil. **Revista Uningá Review**, S.L., n. 2, p. 93-99, mar. 2017.

BISPO, Paula Marília de Oliveira; AGUIAR, Carolina Villa Nova. Saúde e adoecimento psíquico de professores: estudo sobre burnout e qualidade de vida no trabalho. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, [S.L.], v. 7, n. 1, p. 10-19, 21 fev. 2018.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007. Cap. 1. p. 15-35.

BORBA, Bruna Mainardi Rosso *et al.* Síndrome de Burnout em professores: estudo comparativo entre o ensino público e privado. **Psicologia Argumento**, [S.L.], v. 33, n. 80, p. 270-281, 24 nov. 2017.

BORGES, Livia de Oliveira; YAMAMOTO, Osvaldo H. Mundo do trabalho: construção histórica e desafio contemporâneos. In: ZANELLI, José Carlos; BORGES-ANDRADE, Jairo Eduardo; BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt (org.). **Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Cap. 1. p. 25-71.

BRAUN, Ana Claudia; CARLOTTO, Mary Sandra. Síndrome de burnout em professores de ensino especial. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 39, p. 53-69, dez. 2013.

BRASIL. Constituição (1999). **Portaria Nº 1339, de 18 de Novembro de 1999**. Brasília.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Doenças relacionadas ao trabalho: manual de procedimentos para os serviços de saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2001. 580p.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 4. ed. Brasília, 2020.

CARDOSO, Ana Claudia Moreira. O trabalho como determinante do processo saúde-doença. **Ciências Sociais e Saúde**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 73-93, Jun 2015.

CARLOTTO, Mary Sandra. A síndrome de Burnout e o trabalho docente. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 1, p.21-29, jun. 2002.

CARLOTTO, Mary Sandra Síndrome de Burnout em professores de instituições particulares de ensino. **Aletheia**, s.l., n 17-18, p. 53-61. 2003.

CARLOTTO, Mary Sandra; CÂMARA, Sheila Gonçalves. Nálise fatorial do Maslach Burnout Inventory (MBI) em uma amostra de professores de instituições particulares. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 3, p. 499-505, set. 2004.

CARLOTTO, Mary Sandra. Síndrome de Burnout em Professores: prevalência e fatores associados. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [s. l], v. 27, n. 4, p. 403-410, dez. 2011.

CARLOTTO, Mary Sandra *et al.* Avaliação e Interpretação do Mal-estar Docente: um estudo qualitativo sobre a síndrome de burnout. **Revista Mal-Estar e Subjetividade -**, Fortaleza, v. 13, n. 1, p. 195-220, jun. 2013.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Resolução nº 510/2016, 2016.

CODO, W; VASQUES-MENEZES, I (Org.). O que é burnout? In: CODO, W; VASQUES-MENEZES, I. **Educação: Carinho e trabalho**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999. p. 237-255.

CORRÊA, Rosângela Zabaleta Alves; SOUZA, Mayra Silva de; BAPTISTA, Makilim Nunes. Vulnerabilidade ao estresse no trabalho e qualidade de vida de enfermeiros. **Psicologia Argumento**, [S.L.], v. 31, n. 75, p. 599-606, 24 nov. 2013.

DALAGASPERINA, Patrícia; MONTEIRO, Janine Kieling. Preditores da síndrome de burnout em docentes do ensino privado. **Psico-Usf**, [S.L.], v. 19, n. 2, p. 263-275, ago. 2014. FapUNIFESP (SciELO).

DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

DALCIN, Larissa; CARLOTTO, Mary Sandra. SÍNDROME DE BURNOUT EM PROFESSORES NO BRASIL: considerações para uma agenda de pesquisa. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 745-770, ago. 2017.

DEJOURS, Christophe; DESSORS, Dominique; DESRLAUX, François. Por um trabalho, fator de equilíbrio. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 33, n. 3, p.98-104, jun. 1993.

DIAS, Bruno Vilas Boas; SILVA, Priscila Soares de Souza da. SÍNDROME DE BURNOUT EM DOCENTES: revisão integrativa sobre as causas. **Cuidado em Enfermagem**, S.L., v. 1, n. 14, p. 95-100, jan. 2020.

DIEHL, Liciane; CARLOTTO, Mary Sandra. CONHECIMENTO DE PROFESSORES SOBRE A SÍNDROME DE BURNOUT: processo, fatores de risco e consequências. **Psicologia em Estudo**, [S.L.], v. 19, n. 4, p. 741-752, dez. 2014.

DIEHL, Liciane; CARLOTTO, Mary Sandra SÍNDROME DE BURNOUT: indicadores para a construção de um diagnóstico. **Psicologia Clínica** [S.L.] v.2, n.27, p.161-179, 2015.

DSM-V. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ESTEVEZ-FERREIRA, Alberto Abrantes; SANTOS, Douglas Elias; RIGOLON, Rafael Gustavo. Avaliação comparativa dos sintomas da síndrome de burnout em professores de escolas públicas e privadas. **Revista Brasileira de Educação**, [S.L.], v. 19, n. 59, p. 987-1002, 2014.

FRANÇA, Ana Cristina Limongi; RODRIGUES, Avelino Luiz. Stress, Trabalho e Doenças de Adaptação. In: FRANÇA, Ana Cristina Limongi; RODRIGUES, Avelino Luiz (Org.). **Stress e Trabalho: Uma Abordagem Psicossomática**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2005. Cap. 1. p. 29-52.

FERNANDES, Márcia Astrês et al. Adoecimento mental e as relações com o trabalho: estudo com trabalhadores portadores de transtorno mental. **Revista Brasileira de Medicina do Trabalho**, S.L., v. 3, n. 16, p. 277-286, jan. 2018.

FLORENTINO, S. et al. Qualidade de vida no trabalho e estresse ocupacional: uma análise junto a profissionais do setor de tecnologia da informação. **Revista Perspectivas Contemporâneas**, v. 10, n. 1, p. 104-125, 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

GOUVÊIA, Leda Aparecida Vanelli Nabuco de. As condições de trabalho e o adoecimento de professores na agenda de uma entidade sindical. **Saúde debate**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 111, p. 206-219, Dec. 2016.

GUIMARÃES, Liliana Andolpho Magalhães; CARDOSO, Wilma Lúcia C.D. Atualizações sobre a síndrome de Burnout. In: GUIMARÃES, Liliana Andolpho Magalhães; GRUBITS, Sonia (Org.). **Série Saúde Mental e Trabalho**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 43-61.

GUIRADO, G. M. de P. Transtornos mentais comuns e suas peculiaridades com o trabalho. **Saúde em Foco**, Taubaté, v. 2, n. 9, p.163-170, 2017.

JACQUES, Maria da Graça Corrêa. Abordagens teórico-metodológicas em saúde/doença mental & trabalho. **Psicologia & Sociedade**, S.L., v. 15, n. 1, p. 97-116, jun. 2003.

JBEILI, Chafic. Síndrome de Burnout: Identificação, tratamento e prevenção. 2008.

JOST, R.; FERNANDES, B.; SOBOLL, L. A subjetividade do trabalhador nos diversos modelos de gestão. In: SOBOLL, L; FERRAZ, L. (Orgs) **Gestão de Pessoas: armadilhas da organização do trabalho**. São Paulo: Atlas, pp.48-66, 2014.

KOGA, Gustavo Kendy Camargo *et al.* Fatores associados a piores níveis na escala de Burnout em professores da educação básica. **Cadernos Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 23, n. 3, p. 268-275, set. 2015. FapUNIFESP (SciELO).

LEVY, Gisele Cristine Tenório de Machado; NUNES SOBRINHO, Francisco de Paula; SOUZA, Carlos Alberto Absalão de. Síndrome de Burnout em professores da rede pública. **Produção**, [s. l], v. 19, n. 3, p. 458-465, set. 2009.

LIPP, M. E. N. (Org). **Stress no Brasil: Pesquisas avançadas**. Campinas: Ed. Papyrus.2004.

LOPES, Andressa Pereira; PONTES, Édél Alexandre Silva. Síndrome de Burnout: um estudo comparativo entre professores das redes pública estadual e particular. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, S.L., v. 13, n. 2, p. 275-281, dez. 2009.

MAGALHÃES, Tatiana Almeida de et al. Prevalência e fatores associados à síndrome de burnout entre docentes da rede pública de ensino: estudo de base populacional. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, [S.L.], v. 46, p. 1-13, set. 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2317-6369000030318>.

MALANDER, Nancy Marlene. Síndrome de Burnout y Satisfacción Laboral en Docentes de Nivel Secundario. **Ciencia & Trabajo**, Misiones, v. 18, n. 57, p.177-182, dez. 2016.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARUCCO, Mariana A.; GIL-MONTE, Pedro R.; FLAMENCO, Edgardo. Síndrome de quemarse por el trabajo (burnout) en pediatras de hospitales generales, estudio comparativo de la prevalencia medida con el MBI-HSS y el CESQT. **Informació Psicològica**, S.L., v. 92, n. 91, p. 32-42, jan. 2008.

MASLACH, Christina; JACKSON, Susan E.. The measurement of experienced burnout. **Journal Of Occupational Behaviour**. S.L., p. 99-113. jan. 1981.

MASLACH, Christina; SCHAUFELI, Wilmar B.; LEITER, Michael P. JOB BURNOUT. **Annu. Rev. Psychol**, [s. l], v. 1, n. 52, p. 397-422, dez. 2011.

MOREIRA, Danielle Lima *et al.* Síndrome de Burnout: estudo com professores da rede pública da cidade de farroupilha no rio grande do sul. **Gestão & Conexões**, Vitória, v. 6, n. 1, p. 40-63, jun. 2017.

MORTE, Sandra Viana dos Reis da Boa; DEPS, Vera Lúcia. Prevenção e tratamento do estresse e da síndrome de burnout em professores da rede pública de ensino. **Linkscienceplace**, [S.L.], v. 2, n. 1, p. 62-75, 28 mar. 2015.

OPAS. **CID: burnout é um fenômeno ocupacional**. 2019. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5949:cid-burnout-e-um-fenomeno-ocupacional&Itemid=875. Acesso em: 10 dez. 2020.

PACÍFICO, Marsiel. Materialismo histórico-dialético: gênese e sentidos do método. **Argumentos**, Fortaleza, v. 11, n. 21, p. 220-231, 2019.

PAPARELLI, R.; SATO, L.; OLIVEIRA, F. de. A Saúde Mental relacionada ao trabalho e os desafios aos profissionais da saúde. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 123, n. 36, p.118-127, nov. 2011.

PENTEADO, Regina Zanella; SOUZA NETO, Samuel de. Mal-estar, sofrimento e adoecimento do professor: de narrativas do trabalho e da cultura docente à docência como profissão. **Saude soc.**, São Paulo, v.28, n. 1, p. 135-153, Mar. 2019.

PEREIRA, Ana Maria T. Benevides. **Burnout: Quando o trabalho ameaça o bem - estar do trabalhador**. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.

POCINHO, Margarida; PERESTRELO, Célia Xavier. Um ensaio sobre burnout, engagement e estratégias de coping na profissão docente. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 3, p. 513-528, set. 2011.

RABELO, Laís di Bella Castro; SILVA, Julie Micheline Amaral; LIMA, Maria Elizabeth Antunes. Trabalho e Adoecimento Psicossomático: reflexões sobre o problema do nexos causal. **Psicologia: Ciência e Profissão**, [S.L.], v. 38, n. 1, p. 116-128, mar. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703000932017>.

RAMÍREZ, José Andrés Rodríguez; ARAIZA, Albertico Guevara; ANAYA, Efrén Viramontes. Síndrome de burnout en docentes. **Revista de Investigación Educativa de La Rediech**, S.L., v. 8, n. 14, p. 45-67, set. 2017.

RAMON, Juan Pedro Martinez. Cómo se defiende el profesorado de secundaria del estrés: burnout y estrategias de afrontamiento. **Rev. psicol. trab. organ.**, Madrid, v. 31, n. 1, p. 1-9, abr. 2015.

RIBEIRO, Liliane da Consolação Campos; BARBOSA, Lilia Aparecida Campos Ribeiro; SOARES, Ademilson Souza. Avaliação da prevalência de burnout entre professores e a sua relação com as variáveis sociodemográficas. **Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro**, S.L., v. 3, n. 5, p. 1741-1751, dez. 2015.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. História da educação escolar no Brasil: notas para uma reflexão. **Paideia**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 4, p. 15-30, fev. 1993.

ROSSI, Ana Maria; MEURS, James A; PERREWÉ, Pâmela L. (Org). **Stress e Qualidade de Vida no Trabalho: Stress Interpessoal e Ocupacional**. São Paulo: Atlas, 2015.

SALMONS, Janet. The E-Interview Research Framework: strategies, design and skills. In: SALMONS, Janet. *Qualitative online interviews*. S.L.: Sage, 2015. p. 29-40.

SAMPAIO, Jader dos Reis. Psicologia do Trabalho em três faces. In: GOULART, Iris Barbosa; SAMPAIO, Jader dos Reis (Org.). **Psicologia do trabalho e Gestão de Recursos Humanos: Estudos Contemporâneos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. p. 19-39.

SAMPAIO, Breno. Juliana Guimarães. **Economia Aplicada**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 45-68, mar. 2009.

Secretaria de Previdência. **SAÚDE E SEGURANÇA: Estudo apresenta análise sobre benefícios por incapacidade**. 2017. Disponível em: <<http://www.previdencia.gov.br/2017/04/saude-e-seguranca-estudo-apresenta-analise-sobre-beneficios-por-incapacidade/>>. Acesso em: 15 dez. 2019.

SELIGMANN-SILVA, Edith. **Trabalho e desgaste mental: o direito de ser dono de si mesmo**. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

SOUZA, Heloisa Aparecida; BERNARDO, Marcia Hespanhol. Prevenção de adoecimento mental relacionado ao trabalho: a práxis de profissionais do sistema único de saúde comprometidos com a saúde do trabalhador. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, [S.L.], v. 44, n. 26, p. 1-8, 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2317-6369000001918>.

SILVA, Jorge Luiz Lima da *et al.* Prevalência da síndrome de Burnout entre professores da Escola Estadual em Niterói, Brasil. **Enfermería Actual de Costa Rica**, S.L., v. 0, n. 34, p. 1-12, jan. 2017.

SILVA, Nilson Rogério da *et al.* O Trabalho do Professor, Indicadores de Burnout, Práticas Educativas e Comportamento dos Alunos: Correlação e Predição. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 21, n. 3, p.1-14, set. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141365382015000300363&lang=p>. Acesso em: 31 ago. 2020

SILVA, Nilson Rogério; BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini; LOUREIRO, Sonia Regina. Burnout e depressão em professores do ensino fundamental: um estudo correlacional. **Revista Brasileira de Educação**, [S.L.], v. 23, p. 1-18, 3 set. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782018230048>.

SINOTT, Edilene Cunha *et al.* Síndrome de Burnout: um estudo com professores de educação física. **Movimento (Esefid/ufrgs)**, [S.L.], v. 20, n. 2, p. 519-538, 19 fev. 2014. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.43226>.

SOUZA, Heloisa Aparecida; BERNARDO, Marcia Hespanhol. Prevenção de adoecimento mental relacionado ao trabalho: a práxis de profissionais do sistema único de saúde comprometidos com a saúde do trabalhador. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, [S.L.], v. 44, p. 1-8, 2019. FapUNIFESP (SciELO).

TABARES-DÍAZ, Yuranny Alejandra; MARTÍNEZ-DAZA, Viviana Alexandra; MATABANCHOY-TULCÁN, Sonia Maritza. Síndrome de Burnout en docentes de Latinoamérica: Una revisión sistemática. **Universidad y Salud**, v. 22, n. 3, p. 265-279, 31 ago. 2020.

TAMBARA, Elomar. Profissionalização, escola normal, e feminilização: magistério sul-riograndense de instrução pública no século XIX. **História da Educação**, Pelotas, v. 35, n. 3, p. 35-57, abr. 1998.

TEIXEIRA, Albano Luiz Francisco. UM BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: sob o signo da precariedade. **Encontros**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 24, p. 60-76, jun. 2015.

TOMANIK, Eduardo A. Para onde andar o “lobo mau” da psicologia. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n. 2, p.1-10, out. 2003. Semestral. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722003000200018&script=sci_arttext>. Acesso em: 30 set. 2020.

VEIGA, Cynthia Greive. Escola pública para os negros e os pobres no Brasil: uma invenção imperial. **Revista Brasileira de Educação**, S.L., v. 13, n. 39, p. 502-516, set. 2008.

VENCO, S; BARRETO, M. O sentido social do suicídio no trabalho. **Revista Espaço Acadêmico**, nº108, pp.1-8, 2010.

YAEGASHI, Solange Franci Raimundo; PEREIRA, Ana Maria T. Benevides -; ALVES, Irai Cristina Boccato. O ESTRESSE E A SÍNDROME DE BURNOUT NO TRABALHO DOCENTE: algumas reflexões. In: CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL, 10. 2011, Maringá. **Anais [...]**. Maringá, 2011. p. 2502-2517.

ZANELLI, José Carlos; BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt; RODRIGUES, Ana Carolina de Aguiar. Campo Profissional do Psicólogo em Organizações e no Trabalho. In: ZANELLI, José Carlos; BORGES-ANDRADE, Jairo Eduardo; BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt (Org.). **Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Cap. 15. p. 549-581.

APÊNDICES

Apêndice A – Entrevista semiestruturada

Esta entrevista compõe os instrumentos utilizados para a coleta de dados, configurando-se como um instrumento de coleta qualitativa, cujos objetivos são:

- Compreender a Síndrome de Burnout e sua percepção entre os docentes no contexto laboral
- Analisar o processo de trabalho e sua repercussão na saúde dos docentes
- Identificar estratégias de enfrentamento utilizadas pelos docentes para os sintomas da Síndrome de Burnout
- Descrever as vivências profissionais relacionadas à manifestação da Síndrome de Burnout nos docentes

Dados sociodemográficos

Idade

Estado civil

Gênero

Possui filhos? Quantos?

Raça

1. Como você analisa suas condições de trabalho? (Estrutura física, instrumentos e ferramentas disponíveis para a realização de sua função)
2. O que você destacaria como elementos positivos e negativos em sua condição de trabalho?
3. Como você analisa sua organização de trabalho? (Relacionamento com a chefia, pares, alunos, comunidade; planejamento das atividades, autonomia e responsabilidade no processo).
4. Você já ficou afastado do trabalho por questões de saúde?
5. O que você conhece sobre a Síndrome de Burnout?
6. Você percebe algum efeito da síndrome no seu dia de trabalho? Se sim, como?
7. O que você faz para lidar com as consequências decorrentes da Síndrome de Burnout?

8. Como você define sua vivência como docente considerando os sintomas da Síndrome de Burnout?

Apêndice C: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa **Síndrome de Burnout e a docência no Ensino Básico**: Uma análise comparativa entre docentes de escolas públicas e privadas, que tem como objetivo analisar as condições e organizações de trabalho que podem contribuir para o desenvolvimento da síndrome de burnout em docentes do ensino básico.

Este estudo possuirá duas etapas. Na primeira, você responderá ao questionário que possui 22 questões e tem tempo médio de duração de 15 minutos. Após a análise de seus resultados você poderá ser convocado para a outra etapa que será uma entrevista individual que terá duração entre de cerca de 30 minutos, em data e horário de sua escolha. Em virtude da pandemia de covid-19 esta entrevista acontecerá de forma on-line.

O motivo deste convite é que você se enquadra nos seguintes critérios de inclusão: trabalha, há pelo menos um ano como funcionário efetivo entre o primeiro e nono ano do ensino fundamental de escolas públicas do município de São Luís ou trabalha, há pelo menos um ano como docente de escolas privadas entre o primeiro e nono ano do ensino fundamental do município de São Luís/MA.

Você poderá deixar de participar da pesquisa nos casos em que forem observados os seguintes critérios de exclusão: atue em outras séries do ensino básico, bem como em escolas de tempo integral ou de educação especial, está afastado do trabalho por motivo de doença ou tem outra atividade remunerada.

Como possíveis riscos, responder a esta pesquisa poderá envolver a reminiscência de situações e contextos aversivos a você. Todas as informações obtidas serão sigilosas, seus dados serão guardados e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os participantes, focalizando o seu conteúdo geral.

Você não terá benefícios pessoais diretos ao participar da pesquisa, mas contribuirá para a compreensão do trabalho docente, bem como para o desenvolvimento acadêmico e científico. Assim você poderá ser beneficiado indiretamente. O pesquisador não terá nenhum benefício pessoal/financeiro com esta pesquisa, exceto a produção acadêmica dele decorrente.

Na segunda etapa desta pesquisa a entrevista será gravada, porém a pesquisadora irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e privacidade, mantendo as gravações de voz sob sua propriedade, desta forma seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

Lembramos que, por se tratar de uma pesquisa “online”, ela não está isenta de falhas técnicas decorrentes dessa modalidade de coleta de dados (problemas de sistema; indisponibilidade provisória das páginas; perda das informações e necessidade de reinserção dos dados). Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas através do e-mail da pesquisadora responsável: graciellesantana2@gmail.com (98-99227-2003).

Ao assinalar a opção “aceito participar”, a seguir, você atesta sua anuência com esta pesquisa, declarando que compreendeu seus objetivos, a forma como ela será realizada e os benefícios envolvidos, conforme descrição aqui realizada.

Apêndice C: Termo de compromisso do pesquisador

Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Centro de Ciências Humanas – CCH

Departamento de Psicologia – DEPSI Campus Universitário do Bacanga, Av. dos Portugueses
s/n

Por este termo de responsabilidade, a autora da pesquisa intitulada “**SÍNDROME DE BURNOUT E A DOCÊNCIA NO ENSINO BÁSICO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE DOCENTES DE ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS**”, assume cumprir fielmente as diretrizes regulamentadoras emanadas da Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde/MS e o ofício circular nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS, que versa sobre orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual, visando assegurar os direitos e deveres que dizem respeito a comunidade científica, aos sujeitos da pesquisa e o . Reafirma-se, outrossim, a responsabilidade indelegável e intransferível, mantendo em arquivo todas as informações inerentes à presente pesquisa, respeitando a confidencialidade e sigilo das entrevistas correspondentes a cada sujeito incluído na pesquisa, por um período de 5 anos após o término desta. Apresentará semestralmente e sempre que solicitado pelo CCEP/UFMA (Conselho Central de Ética em Pesquisa/Universidade Federal do Maranhão) ou CONEP (Conselho Nacional de Ética em Pesquisa) ou, ainda, as Curadorias envolvidas no presente estudo, relatório sobre o andamento da pesquisa, comunicando ainda ao CCEP/UFMA, qualquer evento de modificação na proposta do projeto em questão.

São Luís, 08 de fevereiro de 2021.

Gracielle dos Santos Santana